

+G

MAISGUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N93 JANEIRO 2021
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

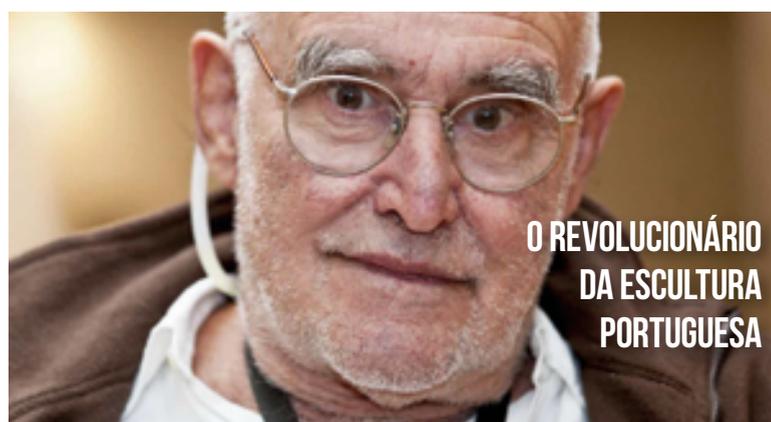
**“É MUITO MAIS
IMPORTANTE APRENDER
A VIVER COM ISTO, DO
QUE NÃO FAZER NADA”**

Rui Afonso

CULTURA 2021 O QUE SE ESPERA E O QUE SE DESEJA
JOÃO CUTILEIRO (1937 - 2021) O REVOLUCIONÁRIO
DA ESCULTURA PORTUGUESA **SERRA DA ESTRELA**
COM NEVE MAS SEM PESSOAS

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!





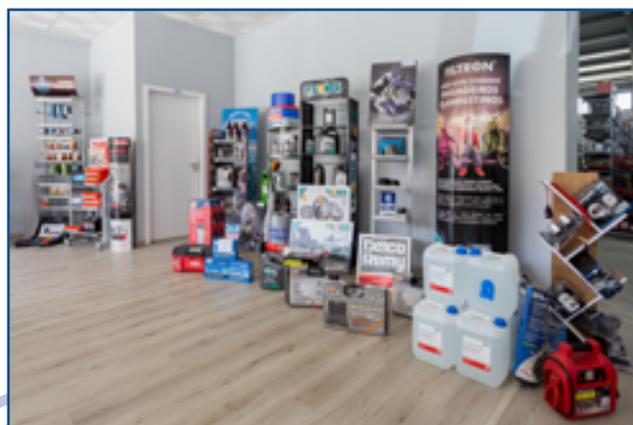
2021 AO SEU LADO



Rua Nossa Senhora da Ajuda
(EN105), 101, Moreira de Cónegos
4815-368 Guimarães

 Tlf: 253 521 315

 info@casadasbaterias.com



WWW.CASADASBATERIAS.COM

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIOLEIA A REVISTA
EM FORMATO DIGITALJOÃO ERA FELIZ, NÃO SABIA,
MAS AGORA SABE!

Às 12 baladas o João subiu a cadeira, abriu uma garrafa de champanhe e comeu 12 passas. Tinha chegado 2021, mas para o João era só o ano 2000 mais um. João sabia que naquele dia novo, num ano novo também, tudo permaneceria igual.

Enquanto comia as passas, uma a uma, levemente, lembrava-se do desafio que foi o ano que findou. Do que nele viveu, do que nele sofreu, e do que nele aprendeu.

João era um tipo bem-disposto e saudável, e foi dos primeiros em Portugal a testar positivo para a covid-19. Foi parar ao hospital e o medo apoderou-se dele. Perdeu o palato, logo o João que não dispensava um bom petisco. Perdeu o olfato também, e quanto isso lhe custou, sobretudo o deixar de encontrar o cheiro do perfume da Sofia quando ela se aproximava. Sofia é a namorada do João, quem dele cuidou quando regressou a casa, muito mais magro, a precisar de fisioterapia para recuperar a agilidade, e alguma massa muscular. A família ligava-lhe para saber como estava, e alguns amigos também. João entendeu que, no fim de contas, há sempre quem esteja por perto, mesmo quando as barreiras físicas se levantam.

Com o verão os casos diminuiram e a vontade de reunir com os

amigos aumentou, mas o João era o “amigo do Covid” e, entre mil e uma desculpas, os jantares adiaram-se indefinidamente.

Em setembro, Sofia ficou sem emprego. O restaurante onde trabalhava desde miúda, de sol a sol, fechou as portas, não dava mais. João e Sofia planeavam comprar uma casa nova e pensavam seriamente em terem um filho que projetavam há dois anos, esperando reunir as “condições ideais”.

João permanecia em cima da cadeira, comendo as passas uma a uma. Pensando na Sofia que estava ali ao lado e tinha perdido o avô nesta batalha sem se conseguir despedir dele, e o quando esse adeus lhe fazia falta.

João sentiu-se incomodado por sentir alguma felicidade naquela hora. Culpado por estar agradecido a 2020. Por saber que, apesar de tudo, este ano lhe permitiu perceber o que tem mesmo valor: A vida; a saúde; a família; o amor; os amigos; o trabalho, e os sonhos... Isso, os sonhos.

Pensando bem, talvez 2021 não venha a ser um ano assim tão igual para o João, depois de tudo o que aprendeu no ano que findou.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaraneses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista “Mais Guimarães”, é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista “Mais Guimarães” aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista “Mais Guimarães” distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista “Mais Guimarães” considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138

Sede Rua de S. Pedro, Nº. 127 - Serzedelo

4765-525 Guimarães

Telefone 917 953 912

Email geral@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Registado na Entidade Reguladora Para

a Comunicação Social, sob o nº. 126 352

ISSN 2182/9276 Depósito Legal nº. 358 810/13

Design Gráfico e Paginação

João Bastos - Mais Guimarães

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.

Travessa Comendador Aberto M. Sousa

Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande

4805-668 Guimarães

Fotografia da Capa

João Bastos

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as

nossas campanhas de publicidade.

Telefone 253 537 250 Telemóvel 917 953 912

Email geral@maisguimaraes.pt

www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C e D

4810-525 Guimarães



f / MAISGUIMARAES

ENEDECOR

Mobiliário & Decoração

Um novo nome, a qualidade de sempre.

SALDOS!

CHEGARAM À ENEDECOR



DESCONTOS ATÉ 50%

Av. D. João IV - 1147 4800-532 Guimarães • Tel. 933 578 928

geral@enedecor.pt • www.enedecor.pt

“PROcriação Medicamente Assistida EM TEMPOS DE PANDEMIA” O IMPACTO NOS SERVIÇOS E NA SAÚDE PSICOLÓGICA

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



Emanuela Lopes
Psicóloga Clínica e da Saúde



Joana Caldas
Estagiária de Psicologia [5º ano]



Rui Miguelote
Médico Ginecologista Obstetra,
subespecialista em Medicina da Reprodução

Poder-se-á dizer que a pandemia de COVID-19 teve impactos sem precedentes. Se num dia o vírus estava restrito apenas a uma determinada região do mundo, rapidamente se disseminou, tomando conta das nossas vidas. O que unia os indivíduos, enquanto seres socialmente integrados, é hoje, o que mais os separa. Assistimos à necessidade de aproximação e de contacto com o outro ser-nos negado. Como se este impedimento não bastasse, assistimos, ainda, à afetação de todos os serviços e apoios, tomados por garantidos, pela sociedade, a ponto de estes não conseguirem dar resposta atempada às necessidades da população, assistindo-se, ainda, à tentativa quase frustrada da retoma da normalidade.

Com o surgimento dos primeiros casos de COVID-19 a emergir no primeiro trimestre de 2020, a 16 de março, a Sociedade de Medicina da Reprodução (SPMR), divulgou uma recomendação urgente a todos os Centros de Procriação Medicamente Assistida (CPMA), para que não fossem iniciados qualquer tipo de tratamento de fertilidade, bem como, para cancelar todos os tratamentos previamente iniciados. O desconhecimento do impacto da infeção pelo vírus sobre os embriões e sobre as células que lhe dão origem (espermatozoides e ovócitos), bem como sobre a grávida e o feto motivaram essa recomendação. Estima-se que possam ter sido suspensos, entre março e maio, 2.000 a 3.000 mil tratamentos (CNPMA, 2020). Mais tarde, a 26 de abril, foi emi-

tido um novo comunicado, o qual recomendava, a todos os centros públicos e privados, a retoma progressiva da atividade. O conhecimento sobre o mecanismo de infeção do vírus permitiu compreender que é muito pouco provável que ele possa infectar os espermatozoides ou os ovócitos em pacientes com COVID-19. Por outro lado, ao contrário do vírus da “gripe sazonal”, as grávidas não parecem ser mais suscetíveis à infeção COVID-19 do que a restante população. A transmissão do vírus da grávida para o feto durante a gravidez também é muito pouco provável.

A Procriação Medicamente Assistida (PMA), também conhecida como medicina da reprodução, é uma especialidade médica que utiliza diferentes técnicas, com vista à reprodução humana, especialmente, quando esta não é possível de forma natural. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 60 a 80 milhões de casais em todo o mundo, não são capazes de obter com sucesso a gravidez, sendo que, estima-se que, em Portugal, entre 9% a 10% dos casais sofram de infertilidade ao longo da sua vida (Silva-Carvalho & Santos, 2009).

Apesar das técnicas de PMA não serem um exclusivo de casais com diagnóstico de infertilidade, mas também de mulheres sem parceiro(a) e casais de mulheres, os estudos mostram que, a vivência destes procedimentos aliado à incapacidade de gerar naturalmente uma criança, é, muitas vezes, visto como catastrófico





[Verhaak et al., 2007]. Para além dos procedimentos interferirem com o normal funcionamento biológico da mulher e, de estas serem submetidas a inúmeras avaliações e intervenções, a frustração de verem ser alteradas expectativas pessoais, sociais e religiosas, pode ser causadora de fortes oscilações emocionais, sintomas de ansiedade, depressão, sentimentos de raiva, desvalorização pessoal, que, por sua vez, potenciam fatores de subfertilidade pré-estabelecida. O sentimento de perda está também presente, sendo intensificado pela pressão exercida por parte da família e crítica social. Esta exposição, além de causadora de um impacto negativo individual, poderá levar à rutura conjugal, pelo desgaste constante de planejar e idealizar uma criança que poderá nunca vir a existir.

A incerteza causada pelo atraso dos tratamentos veio provocar um stress adicional. Face à idade limite para recurso às técnicas de PMA, de 40 anos, no sistema de saúde público português, muitas mulheres e casais viram-se deparados com a incerteza de atingir o objetivo de maternidade/paternidade.

Em contexto pandémico, grande parte das mulheres e casais experienciaram a sensação de esmorecimento do sonho de constituir família, consequência da habitual longa lista de espera e da duração dos tratamentos, em alguns casos de 2/3 anos, aliada à retardação do projeto da maternidade, a qual veio acrescentar ainda mais anos à usual duração do processo. De maneira a assegurar a igualdade do direito de acesso aos tratamentos programados, as mulheres, em consequência da perturbação da atividade dos hospitais, viram alargado o limite de idade, para acesso aos tratamentos de PMA, em 6 meses.

Apesar de, em Portugal, ainda não existir estudos que avaliem o impacto da pandemia da COVID-19 no estado de saúde mental destes casais e mulheres, a médio-longo prazo, é expectável que, os sintomas associados à demora adicional dos tratamentos, enfatizem sintomas de desamparo, desespero, frustração e ansiedade, sendo estes experienciados de forma única e diferenciada. Como forma de mitigar estes sintomas, é possível utilizar ou criar algumas estratégias que auxiliem este processo de mitigação, nomeadamente:

1. Preparar-se para tomar decisões. É importante que pense sobre as diferentes opções que são oferecidas nestes tratamentos, assim, quando tiver de as tomar, estas possam ter sido previamente pensadas e cuidadosamente planeadas, sentindo-se preparada(o);

2. Procurar o apoio da família e amigos quando se sentir absorvida(o) pelos seus pensamentos. Por vezes, tendemos a focar a nossa atenção em questões para as quais não temos ou não podemos dar uma resposta, o que é normal. Contudo, poderá enfatizar sintomas negativos (ansiedade, frustração, desespero), pelo que, a partilha é essencial;

3. Criar momentos, com tempo limitado, para que possa abordar este tema com o seu companheiro(a). Desta forma, poderão debater e explorar o que ambos estão a sentir, sem que se torne cansativo ou frustrante. Por vezes um elemento do casal precisa de mais apoio emocional e de falar sobre o assunto, enquanto que, o outro poderá preferir uma atividade ou passatempo para lidar com o stress. Isto poderia causar atrito na comunicação, mas, ao criar um momento específico, ambos estarão em sintonia e disponíveis para se compreenderem;

4. Identificar os momentos em que sente mais tensão e como reage a estes. É importante conhecer-se e compreender como vivencia estes momentos, por forma a antecipar as respostas negativas, substituindo-as por respostas positivas;

5. Compreender que, por vezes, mesmo tendo um bom suporte emocional pelas pessoas o(a) rodeia e, mesmo utilizando algumas estratégias de regulação emocional, é natural que se sinta assoberbado(a) e perdido(a). Nesse caso, procure ajuda profissional. Quase todas as clínicas e hospitais têm disponíveis profissionais de saúde mental, que o(a) poderão ajudar, promovendo, assim, um maior bem-estar emocional e consequentemente físico.

Por fim, existe uma necessidade urgente de adoção, por parte do setor privado e público, de uma abordagem mais proactiva no que concerne à prestação de apoio psicossocial, suportada por uma visão multidisciplinar, onde o psicólogo terá o papel fulcral de prestar apoio personalizado, indo ao encontro das especificidades e necessidades de cada um. Este apoio é particularmente importante nesta fase, visto tratar-se de tratamentos de infertilidade, aos quais está já associada uma elevada carga emocional, não apenas em relação aos tratamentos, mas também, em consequência da imensa incerteza vivida nos tempos atuais.

Poderá se manter informado(a) junto das instituições em que está a realizar os seus tratamentos e também poderá ter acesso a mais informações e recomendações através dos seguintes sites:

- Direção Geral da Saúde - <https://www.dgs.pt>
- Sociedade Portuguesa de Procriação Medicamente Assistida - <https://www.spmr.pt>
- Concelho Nacional de Procriação Medicamente Assistida - <https://www.cnpma.org.pt>
- Associação Portuguesa de Infertilidade - <https://www.apfertilidade.org>

Referências:

- Silva-Carvalho, J. L., & Santos, A. [2009]. Estudo Afrodite caracterização da infertilidade em Portugal I-estudo na comunidade. Porto: Universidade do Porto.
- Verhaak, C. M., Smeenk, J. M. J., Nahuis, M. J., Kremer, J. A. M., & Braat, D. D. M. [2007]. Long-term psychological adjustment to IVF/ICSI treatment in women. *Human Reproduction*, 22[1], 305-308.



+ CIÊNCIA

CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES



Visitar e conhecer o Curtir Ciência sem sair de casa, através de um computador ou de um telemóvel?

O ano é novo mas as apreensões são as mesmas do ciclo transato, com uma pandemia que não sabemos quando poderá ser controlada e que rasto de perdas irá deixar. E que está a exigir criatividade aos espaços de divulgação de Ciência e Conhecimento.

No arranque de um novo ano, e ainda sob os efeitos da pandemia, o Curtir Ciência – Centro Ciência Viva de Guimarães prepara o lançamento de um novo projeto que tem por base a chamada realidade virtual ou imersiva e que pretende principalmente chegar ao público escolar.

Com esta tecnologia virtual, qualquer pessoa, à distância, poderá percorrer o espaço Curtir Ciência, os seus módulos científicos e acompa-

nhar a realização de oficinas científicas. O projeto quer permitir que o público, e em particular o escolar, continue a contactar com o universo da Ciência e do Conhecimento, vencendo assim as barreiras impostas pelo estado pandémico.

“Face a um hiper mediatismo à volta da pandemia, é natural que se instalem o receio e o medo. As escolas reduzem drasticamente, ou eliminam mesmo, as visitas de estudo. Queremos que o contacto com o Curtir Ciência possa manter-se também em modo virtual e que ao mesmo tempo sirva de impulso para visitas físicas”, esclarece Sérgio Silva.

A visita virtual, produzida pelo Curtir Ciência no âmbito do programa de estágio de alunos de cursos de Multimédia, permitirá que os “visitantes” percorram o espaço do Curtir Ciência [a Antiga Fábrica de Curtumes Âncora] e alguns dos módulos da Exposição Permanente, através de vídeos e fotografias em 360 graus.



FORA DA CAIXA

Ciclo de Conversas que o Curtir Ciência organiza até novembro de 2021 (uma sessão por mês) em torno de temas que podem ou não estar ligados à Ciência.

ESPAÇO CRIATIVO

Robótica, 3D, Legos, desafios elétricos, kits de construção. E ainda jogos matemáticos e livros infantis. Tudo num único espaço destinado a famílias.



SÉRGIO SILVA

DIRETOR EXECUTIVO DO CURTIR CIÊNCIA CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES

Os tempos que vivemos são pródi-gos em teorias da conspiração. As plataformas ajudam a disseminar com uma celeridade impressionante as mais bem urdidas teses. O desespero, a descrença, a ignorância, a preguiça, a ausência de confirmação - fazem o resto e num instante uma obscura tese torna-se viral. Em muitos casos a partir apenas da leitura das letras gordas. A pandemia propicia um multiplicar de teorias. Dos negacionistas, que acreditam que tudo não passa de uma conspiração tecida em caves, aos movimentos anti vacinas que sacam da pistola sempre que se fala de vacinar para conter uma doença. Se saíssem vitoriosos, muitas doenças não estariam ainda controladas.

No início de um novo ano, herdeiro de um 2020 que não podemos apagar da cronologia, que a Ciência ao serviço da humanidade, regulada e escrutinada por quem representa o bem comum, possa, através de uma campanha de vacinação sem memória, trazer a tranquilidade desejada.



OS GUARDIÕES DE IDENTIDADES

TEXTO: RUI DIAS • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



A LOQR FOI RECENTEMENTE RECONHECIDA PELO BUILDING GLOBAL INNOVATORS COM UMA DAS 25 MAIS PROMISSORAS STARTUPS EM PORTUGAL, DESTACANDO-SE NOS ÚLTIMOS ANOS POR ANGARIAR MAIORES RONDAS DE FINANCIAMENTO, GERAR MAIORES RECEITAS E TER MAIOR IMPACTO ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO.



O negócio assenta numa plataforma de gestão de identidade digital que permite realizar o onboarding de clientes de uma forma rápida, através de funcionalidades como a verificação de identidade e assinatura de contratos digitais. Os processos estão em conformidade com todos os padrões e regulamentos legais relativos à verificação de identidades, enquanto proporcionam ao cliente uma experiência fluída.

A Loqr está sediada na Startup Braga, tem um centro de desenvolvimento em Felgueiras e escritórios comerciais em Lisboa e Londres. Tem clientes em vários países, incluindo Espanha, França, Noruega e China.

Paulo Pereira é Chief Business Development Officer da Loqr, desde maio de 2020 e investidor no negócio. Cabe-lhe a supervisão dos negócios da LOQR, a definição de metas estratégicas de negócios e o desenvolvimento de oportunidades de crescimento. Tem a seu cargo a gestão das áreas de Estratégia e de Análise de Negócios, Desenvolvimento de Negócios e Vendas e Marketing e Comunicação da start-up criada por três alunos da Universidade do Minho, em 2015.

O que é uma identidade digital?

No passado a nossa identidade era validada de forma física, ou seja, tínhamos de nos apresentar presencialmente com o cartão de cidadão. Aquilo que se altera neste paradigma mais digital, é que a identidade pode ser confirmada sem esse contato presencial com terceiros. Passa a haver uma validação através de mecanismos que dispensam a presença do indivíduo. Um exemplo simples é a validação biométrica, já disponível em alguns telemóveis, em que o aparelho é desbloqueado pelo reconhecimento da face do utilizador, usando com interface a câmara do telefone. Por trás deste processo, que ao usuário parece simples, existem algoritmos que fazem a verificação da identidade digital.

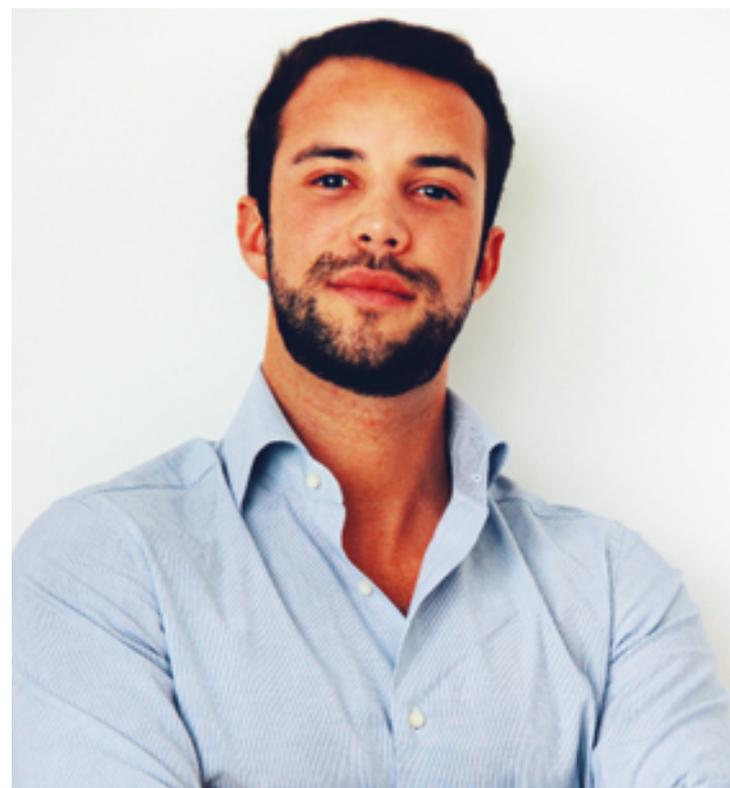
A Loqr surge desde o início muito associada a esta necessidade de identidades digitais?

Sim, a empresa surge, em 2015, muito ligada a tudo o que está à volta da identidade digital. Tratava-se de criar ferramentas para transformar identidades de pessoas em identidades digitais. Um bom exemplo é a abertura de conta num banco. Antes, para abrir uma conta tinha de ir a um balcão, era a única forma que a ins-

tituição tinha de saber que eu sou quem digo que sou. Perante isso, o funcionário do banco desencadeava depois o processo digital, na aplicação do banco, embora eu tivesse, mesmo assim, que assinar um contrato. O que a Loqr permite, hoje em dia, com esta verificação da identidade de forma digital (remota), é eliminar este passo da ida ao banco.

E a assinatura do contrato?

Também temos uma solução de assinatura digital que permite, legalmente, confirmar que a pessoa do outro lado é quem diz ser e assinar o contrato, sem recurso a impressoras. Isto serve para abertura de contas, como para contratos de concessão de crédito ou outras operações.



A Loqr está presente em vários mercados, com quadros legais distintos, isso tem sido um problema?

Um dos setores com que trabalhamos mais, a banca, é altamente regulado. Isso representa um desafio, mas dá-nos a certeza de que se os nossos produtos se adequam a este setor estão à altura de quaisquer outros desafios. A nossa plataforma é “compliant” com a normas europeias e suporta as adaptações a legislação de cada país. Em Portugal a legislação obriga a que, do lado do banco, exista um operador a validar a informação, em Espanha já não funciona assim, basta que utilizador grave um “self” vídeo.

Com que segurança é que os utilizadores que passam os seus dados através destas ferramentas o podem fazer?

Tudo aquilo que a Loqr faz assenta no que está regulamentado. A empresa tem um enorme conhecimento sobre tudo o que é a regulamentação neste setor, o nosso Chief Compliance Officer e co-fundador, Jorge Silva, é o bastonário da Ordem dos Notários. Os dados são encriptados de tal forma que nem a Loqr, nem o próprio cliente, consegue aceder a eles.

Como é visionaram esta emergência das identidades digitais?

Dois dos fundadores da Loqr, o Ricardo Costa e o Pedro Borges, são académicos, que dão aulas e têm doutoramentos nesta área da cibersegurança. Ambos trabalharam em empresas como a SIBS ou a INCM e estiveram envolvidos em projetos como o lançamento do cartão de cidadão. Isto despertou-lhes a sensibilidade para a transição para um mundo cada vez mais digital.

A Loqr é uma companhia com um só produto. Isso é um risco?

Não vejo as coisas assim. A Loqr está sustentada numa plataforma de identidade digital. A partir desta base podem associar-se vários produtos. Voltando à abertura de conta bancária: o cliente está a usar duas soluções da Loqr, o Verify ID e o Sign ID. Estas soluções, no entanto, são independentes e podem ser usadas separadamente. Somos uma one stop shop, a que o cliente se dirige para resolver os seus problemas a nível digital, fornecemos uma solução chave na mão.

Onde é que a Loqr pretende estar daqui a cinco anos?

Em 2020, a faturação da Loqr ultrapassou ligeiramente os dois milhões de euros, em cinco anos queremos faturar, pelo menos, entre quatro e cinco vezes mais. Isto passará por um plano de maior internacionalização, depois de um ciclo de crescimento interno que consideramos fechado.



Ainda é difícil trabalhar a partir de Braga para o mundo, ou as novas tecnologias de informação vieram resolver isso?

A Loqr tem uma enorme capacidade para funcionar em teletrabalho. Fomos uma das startups em Portugal que teve 100% da força de trabalho em teletrabalho, sem que a nossa produtividade fosse afetada. Aquilo de que alguns de nós têm saudades é do toque, do abraço.

A pandemia trouxe mais oportunidades ou ameaças?

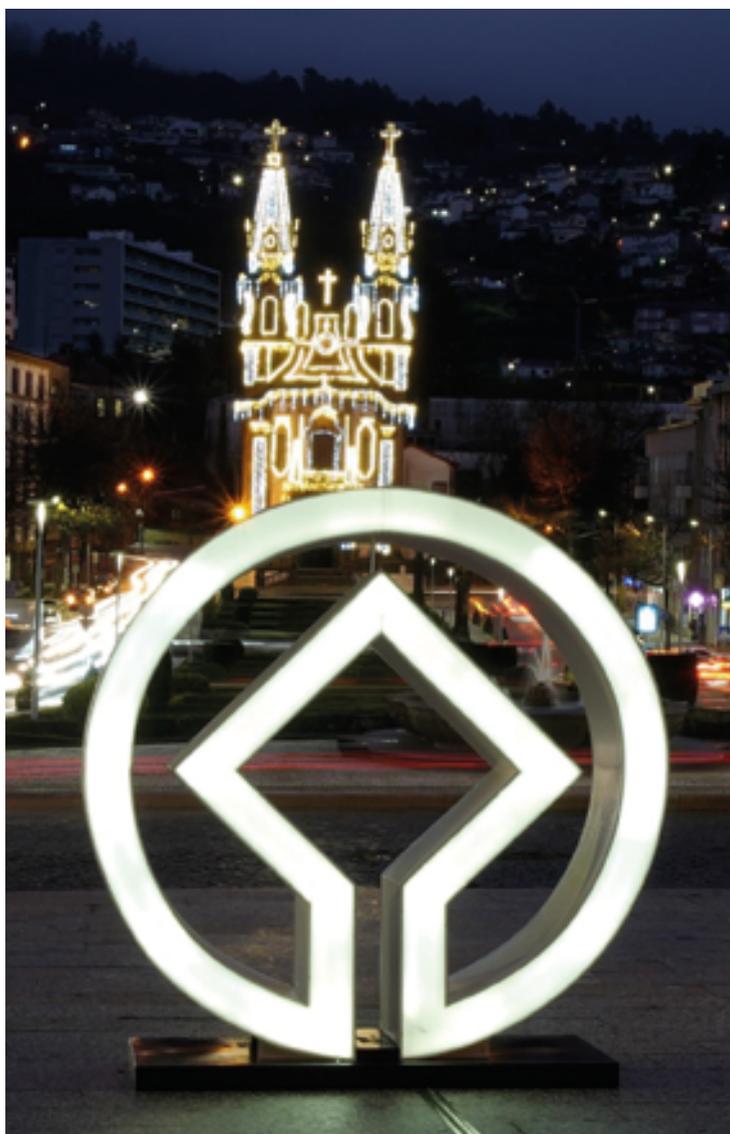
Trouxe muito mais oportunidades. Nós fomos uma das empresas, em Portugal, que beneficiou muito com o covid-19. Com a pandemia, o mundo teve que, rapidamente e de forma acelerada, tornar-se mais digital. Abriram-se uma série de oportunidades no digital, não só no ramo em que opera a Loqr. Em 2020, angariamos tantos clientes como nos cinco anos anteriores. Para ajudar os nossos clientes fizemos coisas em tempo recorde, ao longo deste ano: recuperação de contas de homebanking, concessão de crédito em tempo real, moratórias, aberturas de conta, assinatura digital de documentos.



CULTURA 2021: O QUE SE ESPERA E O QUE SE DESEJA

TEXTO: RUI DIAS

© CMG



© DIRETOSRESERVADOS



© DIRETOSRESERVADOS

TODOS DESEJAMOS NUNCA MAIS VER UM ANO COMO O DE 2020, MAS OS AGENTES DO SETOR DA CULTURA TÊM RAZÕES ACRESCIDAS PARA QUEREREM VER ESTE PERÍODO ENCERRADO. O ANO DE 2021 ABRE UMA JANELA DE ESPERANÇA. A CENA CULTURAL QUE, EM GUIMARÃES, NUNCA PAROU COMPLETAMENTE, ARRANCA LOGO EM JANEIRO.

ENTRE OS EVENTOS CONFIRMADOS E AQUELES QUE SE ESPERAM QUE VENHAM A ACONTECER, TUDO INDICA QUE TEREMOS UM ANO RECHEADO DE BONS MOTIVOS PARA SAIR DE CASA.

JANEIRO

Há novas exposições no CIAJG e no CAAA. Manel Cruz, o vocalista do Ornatos Violeta vai estar no CCVF. Também no CCVF, Niet Hebben - Carta Rejeitada, Crista Alfaiate faz uma revisitação dramática de algumas das cartas mais conhecidas da literatura mundial.

FEVEREIRO

O Guidance, pois claro. Numa vertente mais popular, este é também o mês dos desfiles de Carnaval em Pavidém, Taipas e Nespereira. Depois de sabermos que alguns cursos pelo país estão cancelados, é possível que estas também não aconteçam.



MARÇO

Em 2020 não houve Festival Literário Húmus, em virtude da pandemia. O Húmus regressa em 2021, mas deverá acontecer em formato adaptado, numa altura do ano em que ainda está a decorrer a primeira fase da vacinação. Espera-se que a nova curadora do CIAGJ, Marta Mestre, avance com novidades para aquele espaço, por esta altura.

ABRIL

O mês do 25 de abril, fica sempre marcado pelas comemorações da Revolução. Tudo indica que este ano, como em 2020, a data terá de ser assinalada com limitações. Abril é também o mês da música, com o Westway LAB, no seu oitavo ano e o Festival de Música Religiosa.

MAIO

Por esta altura terá terminado a primeira fase da vacinação em Portugal. Num ano normal, é por esta altura que se conhecem os cartazes para os festivais de verão na cidade. Esperemos que a vacinação ofereça segurança para um verão mais animado que o do ano anterior.

JUNHO

Mês de sair à rua porque os dias começam a ser grandes e o tempo convida, mas também porque é altura da Feira Afonsina. Também é mês de teatro, com os Festivais Gil Vicente. A 33ª edição, que devia ter-se realizado em 2020, foi cancelada. Os Festivais Gil Vicente, tal como a Feira Afonsina, aguardam ainda a confirmação de realização, em 2021.

O que não deve deixar de se realizar são as comemorações do 24 de junho, ainda que possam ter limitações. A Câmara Municipal agendou para este mês a inauguração do Teatro Jordão.

JULHO

Em 2020, não houve circo na rua. Espera-se o regresso, ainda não confirmado, do Vaudville Redez-Vous, para animar a cidade com novo circo. A música de câmara vai voltar a ouvir-se com o Guimarães Allegro. É o mês de Citânia Viva, em Briteiros. Neste mês, talvez se voltem a ver os vimaranenses na rua, vestidos de branco, para a longa Noite Branca.

Será que as Festas da Cidade voltam à normalidade?



© JOANA MENESES



© JOÃO BASTOS



© CMG

AGOSTO

As noites convidam a ver cinema na rua. Em 2020, foi com lugares marcados, sem aquela enchente de praça que dá um calor humano especial. Veremos o que reserva 2021. A música continua com o L'Agosto e o Vai-m'à Banda.

SETEMBRO

Depois das férias, nada melhor que estender uma manta no relvado do Vila Flor, ouvir música e fazer o balanço do verão, enquanto se carrega baterias para o frio que já se anuncia: é o Manta. É altura de Suave Fest e este ano, deve voltar a Bienal de Ilustração de Guimarães.

OUTUBRO

É o mês do "fora da caixa" Guimarães noc noc.

NOVEMBRO

Mês sonoro, ouvem-se as caixas e os bombos da Nicolinas que se misturam com os acordes do Guimarães Jazz. Ainda há tempo para Mucho Flow, um festival que dá espaço aos novos talentos da cena musical.

DEZEMBRO

Como estaremos no fim de 2021? A resposta a esta pergunta vai determinar a forma como será celebrado o 20º aniversário da elevação do Centro Histórico a Património da Humanidade. Volta o Natal, as luzes e a árvore. Será que já poderemos ver o fogo de artifício de Ano Novo juntos, nas ruas e praças da cidade?

REVISTA 9 SÉCULOS: É O GRITO DO IPIRANGA

TEXTO: BARROSO DA FONTE • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

JÁ SAIU O NÚMERO 2 DA REVISTA QUE DEFENDE A VERDADE HISTÓRICA.



6 **9 SÉCULOS**
trei nesta Casa tarde demais para aquilo que pensava fazer. Durante estes dezassete anos, dei à Cultura do meu país e do meu tempo uma dezena de volumes, alguns milhares de páginas... O meu antecessor deixou (esta instituição) em deplorável estado de indisciplina, desorganização e incúria. Esse cargo foi exercido durante quarenta anos: desde 1908. Os primeiros 20 anos coincidiram com o período lastimoso da nossa vida política, caracterizados pela mais desenfreada anarquia. Chegou a ser refúgio de desempregados e albergue de revolucionários civis... A minha vida te-

deixaria em paz a actual presidente da Academia Portuguesa de História, Manuela Mendonça. Pimenta, que foi o «académico de número 9», participou na sua primeira reunião daquela Academia no dia 2 de Abril de 1938, a convite do fundador Carneiro Pacheco. Durante cinco anos tudo decorreu bem. Mas em 1946 o secretário Geral Possidónio Martinho Laranjo notificou Pimenta de que fora demitido pelo Conselho Académico.

«Quando tomei conhecimento desta borracheira judaica e moral o meu comentário foi... do lengo...». Desde aí nunca mais Pimenta em paz o Possidónio Laranjo... até que foi demitido pelo ministro da Educação da época, António de Oliveira Salazar, em convívio com aquele «grupo de bancários» que chamou aos restantes membros «burrões».

Salazar invocou pretendo relembrar os 835 anos do nosso Rei Fundador, uma vez que não podemos fazê-lo em 6 de Dezembro de 2011, dia do aniversário do rei D. Afonso Henriques, no ato público. Invocar, também, os 70 anos do falecimento de Alfredo Pimenta, apelando aos profissionais que imitem este destemido e independente pelo rigor histórico, pelo voluntarismo político afonsino e pelo portuguêsismo no linguístico.

Salazar invocou estas virtualidades históricas de Alfredo Pimenta, influência política que manteve com o seu nome ao restauro dos monumentos implantados na «Colina Sagrada», nomeadamente: o Castelo da Fundação, a Capela de D. Afonso Henriques, o Paço dos Duques de Bragança. Esses monumentos nacionais, bem como alguns monumentos locais, entre 1937 e 1959 foram restaurados com a dignidade que ainda evocamos em todas as sobras anuais, de outras partes do resto do país.

Em 2011 realizaram-se ali as cerimónias destas Milenárias que Salazar para ali convocou e que reuniram, no Castelo de Guimarães, vinda expressamente de cada país da lusofonia. Todos os novos países da lusofonia (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) estiveram representados, em 1940, na criação do Mundo Português. Fez agora 80 anos que foi registado para memória futura.

O Director



Fotografia de D. Afonso Henriques

HISTÓRIA

Nos 835 anos de D. Afonso Henriques
Dois

> Barroso da Fonte

O dia 6 de Dezembro de 1111, o dia em que D. Afonso Henriques venceu os mouros em 6 de Dezembro de 1111, foram comemorados dois séculos de entrada do

Quem desejar conhecer a nova revista de Guimarães, destinada a todos os países onde se fala Português, pode encontrá-la, para já, em alguns quiosques centrais da cidade ou na sede da Editora Cidade Berço. Chama-se **9 Séculos** e diferencia-se logo pela qualidade da Capa, com a efígie de D. Afonso Henriques. É uma publicação semestral, com saída em Junho e em Dezembro. E toda a sua nobreza formativa tenderá a rondar três temas essenciais: aprofundar o rigor histórico sobre a cronologia de Portugal, desde a Batalha de S. Mamede, em 24 de Junho de 1128, até aos nossos dias; abordar a vida e a obra do nosso Rei Fundador, D. Afonso Henriques; e divulgar a verdade histórica e cultura nos países da Lusofonia, tendo em conta a proclamação, pela UNESCO, do 5 de Maio como Dia Mundial da Língua Portuguesa.



Henriques na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra

nos da morte de Afonso Henriques testemunhos

O fundador de Portugal morreu em 24 de Dezembro de 1185. O signatário desta nota explicativa esteve presente na cerimónia de abertura das Comemorações do VIII Centenário da Morte de Afonso Henriques, Patrono do Exército, em 24 de Junho de 1984. Do programa consistiram em dois momentos marcantes: a inauguração junto ao Quartel General, nessa Praça, da

Estátua Equestre de D. Afonso Henriques, da autoria do escultor Gustavo Teles de Faria Correia Bastos, e duas importantes palestras: do **Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno** (*A acção militar de D. Afonso Henriques*), e do **General Salazar Braga** (*Mensagem de Abertura das Comemorações*), à data Chefe do Estado-Maior do Exército.

35 anos depois nasceu esta publicação que está em perfeita sintonia com a pertinência desses dois testemunhos, que aqui transcrevemos. Ba-

A Revista nasceu por iniciativa do seu fundador e editor, perante a crise da pandemia que atrofiou a normal regularidade funcional da Grã Ordem Afonsina, que ele e outros iniciaram em 2019. Essa Associação nasceu pela discordância em celebrar em 2009 o nascimento do Fundador da Pátria, pois em 1911 Guimarães celebrou os oitocentos anos do seu nascimento. Essa data criou barbas e ainda se vê na muralha do Castelo e estava gravada no chão do Tournal, destruído, em 2012. Esse chão era uma lição viva da História da Fundação de Portugal. Na contracapa da revista mostram-se esse chão e essa fonte que eram o regalo de quem levava as crianças a visionar tão simbólica cronologia. Quem apagou essa legenda liderou a subtração 2 anos aos 900 do nascimento do Rei Fundador, encurtando-o para 2009.

Essa destruição foi severamente reprimida pelo historiador José Mattoso que chamou ao 24 de Junho de 1128 «*a primeira tarde Portuguesa*». Em 14 de Dezembro de 2009, em Lisboa, num debate ao mais alto nível científico, este medievalista desmitificou os usos e os abusos dos líderes da fantasiosa teoria de Viseu que desvirtuaram um seu parágrafo para reclamarem vitória quanto ao ano e ao espaço do nascimento de Afonso Henriques.

A Revista **9 Séculos** nasceu com intuítos claros de corrigir datas que têm andado a servir para todos aqueles que pensam mais em promover-se do que em promover a própria verdade da História. Muitos servem-se dela para vários fins e com diversos intuítos. Poucos se preocupam com a sua pureza original. Alguns profissionais usam-na como caminho certo para dela fazerem profissão. Mas, obtido o título e colocados no ensino, limitam-se a usá-la consoante as exigências dos programas. São mais os que estagnam do que aqueles apostam no aprofundamento da História. Escrevem compêndios para satisfazerem encomendas livrescas. Preocupam-se mais com reedições do que com aditamentos, anotações e a verdade.

Estas arbitrariedades e frustrações pelo ensino da História de Portugal acentuaram-se com a autonomia universitária e com a desvalorização da disciplina. A proliferação de cursos, a deslocação de docentes para áreas mais apetitosas e outros facilismos que não vale a pena aqui enunciar, conduziram a uma crise de identidade e de desmotivação. Falou-se muito de novas oportunidades, reconheceram-se muitos cursos por equivalência e até para altas funções diplomáticas internacionais se forjaram relatórios a partir de membros de governos, como temos vindo a constatar na área da justiça. Esta revista vem para protestar contra essa bandalheira e o menosprezo por uma área do Saber que ao longo de nove séculos incutiu nos cidadãos o orgulho de ser Português.

Faltam sete anos para se completarem os 9 séculos desde «*a primeira tarde Portuguesa*». Fundámos a Associação Grã Ordem Afonsina com o pensamento de ser Guimarães a liderar as Comemorações dos 900 anos do nascimento de Portugal. Quem sonhou este projecto e se arrojou a levá-lo por diante, sem um único cêntimo do erário público, já não andaré por cá em 2028. Sem qualquer outro intuito que não seja sensibilizar os meus confrades desta causa nacional, o maior gosto que me leva a enfrentar esta «*estrutura de missão*» é o empenhamento da Grã Ordem Afonsina.

As duas edições da Revista que se publicaram em 2020 são indicativas de que os Vimaraneses vão por à prova a «*garra*» que há cerca de um ano ecoou nos Claustros de Santa Clara. Em 7 de Setembro de 1822, no Brasil, idêntico eco se ouviu: foi o Grito do Ipiranga que simbolizou a independência desse País Irmão. Esse grito deverá ouvir-se em 2028, em Guimarães, Berçário do Rei Fundador, da Nacionalidade e da Lusofonia.

CARLOS DO CARMO

PARTIU O HOMEM DO FADO, E DA CIDADE

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Quis o destino, aquele de que tanta vez nos fala o Fado, e o artista nos invocou assiduamente nas suas canções, que o novo ano nos levasse Carlos do Carmo.

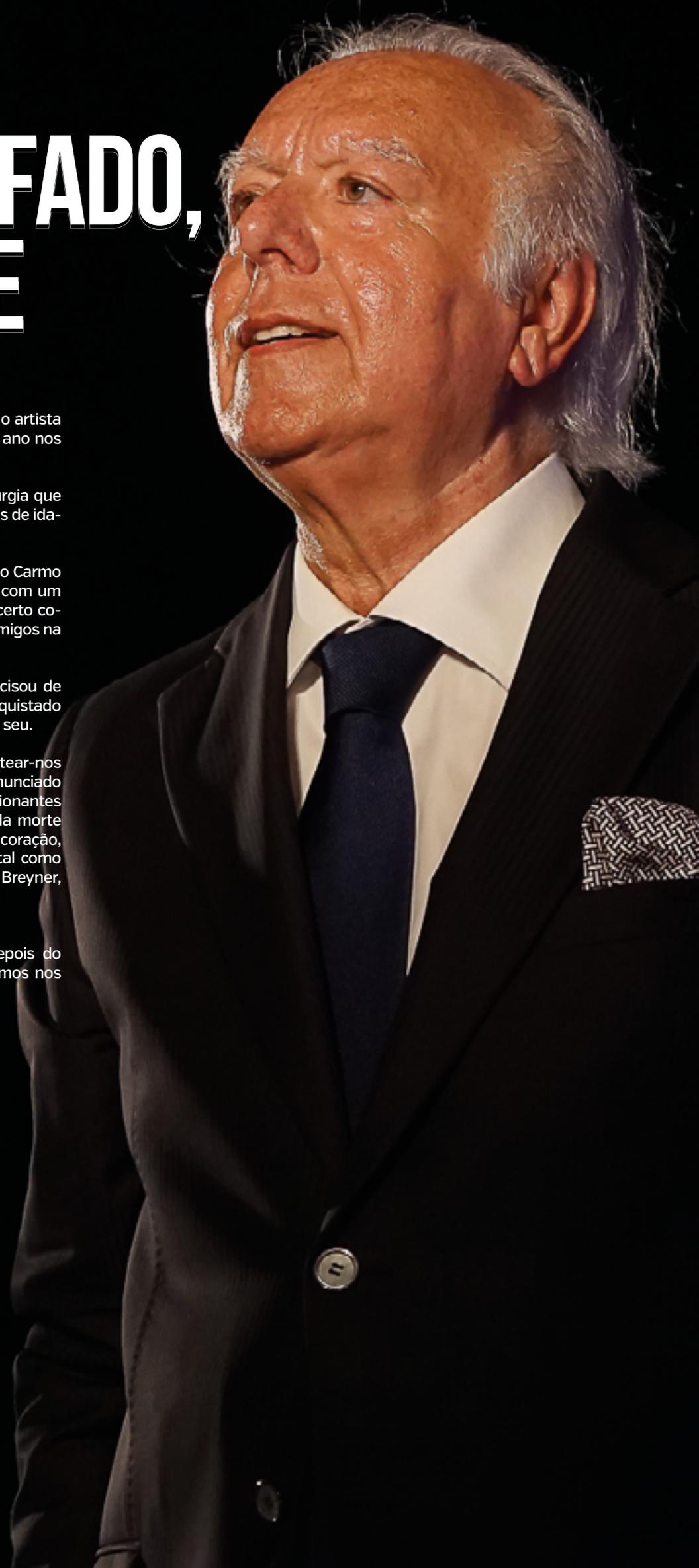
A 01 de janeiro de 2021, Carlos não sobreviveu a uma cirurgia que procurava salvá-lo de um aneurisma, morrendo aos 81 anos de idade no Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

Em novembro de 2019, há pouco mais de um ano, Carlos do Carmo despedia-se oficialmente dos que amavam a sua música com um memorável espetáculo no Coliseu dos Recreios, num concerto comemorativo dos seus mais de 50 anos de carreira reuniu amigos na plateia, nos camarotes e também em palco.

Nesse momento afasta-se da ribalta, de onde nunca precisou de pedir para estar: o palco era o seu lugar. Era um direito conquistado a cada acorde dos seus fados, a cada canção, a cada disco seu.

Carlos do Carmo, a quem garantimos saudade, vai presentear-nos ainda, mesmo depois de partir, com um último disco. Anunciado para ser lançado em novembro de 2019, fruto das condicionantes desta pandemia, conseguiremos ouvi-lo apenas depois da morte do artista. Será certamente um disco para atentar com o coração, em que o fadista interpreta poemas de outros maiores, tal como ele, como Herberto Helder, José Saramago, Sophia de Mello Breyner, Vasco Graça Moura ou Jorge Palma.

Curiosamente, o disco chama-se “E ainda...” Talvez Carlos do Carmo nos pretendesse dar um “e depois do adeus”, mostrar-nos que o melhor de nós é o que deixamos nos outros quando partimos.



TUDO QUE PRECISA SABER PARA VOTAR NO DIA 24

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

No dia 24 de janeiro realizam-se as eleições presidenciais, numa altura em que, devido à pandemia covid-19, vivemos uma das maiores crises sanitárias da era moderna.

Votar num local diferente daquele onde fica a sua mesa de voto

Estudantes ou trabalhadores que se encontrem deslocados do seu local de residência habitual, não precisam de se deslocar para exercer o seu direito de voto. O voto em mobilidade serve também para aqueles que não pretendam comparecer nas urnas no dia das eleições, independentemente das razões para esse impedimento.

Votar a partir do estrangeiro

No estrangeiro, o prazo para inscrição no voto antecipado decorre entre os dias 12 e dia 14 de janeiro. Destina-se a eleitores recenseados em território nacional e deslocados no estrangeiro (por um dos motivos previstos na lei, como trabalho). O voto é exercido nas embaixadas ou consulados que já foram previamente definidos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Votar noutra dia

O voto antecipado teria que ser solicitado até ao passado dia 4 de janeiro. De acordo com o Ministério da Administração Interna, 2.617 pessoas inscreveram-se para o voto antecipado, que se destina a eleitores hospitalizados ou reclusos. Nestes casos, a mesa de voto, liderada pelo presidente da Câmara, desloca-se aos hospitais e aos estabelecimentos prisionais.

Votar em confinamento

Nas eleições presidenciais agendadas para 24 de janeiro, em virtude

da pandemia, vai ser a possível, aos eleitores confinados por razões sanitárias, exercerem o direito de voto em casa. Quem pretender fazê-lo deve inscrever-se entre quinta-feira, dia 14 e domingo, dia 17], na página de internet do MAI, ou na Junta de Freguesia onde estão recenseados, através de terceiro que apresente declaração assinada e cópia do seu documento de identificação. Entre os dias 19 e 20, uma equipa, liderada pelo presidente da Câmara, desloca-se ao domicílio do eleitor inscrito. Os boletins de voto assim recolhidos, ficarão 48 horas em quarentena.

Saber o local e a mesa de voto

Pode saber onde fica o seu local de voto e a mesa a que deve dirigir-se na página do MAI na internet, onde lhe será pedido o número de identificação civil (Cartão de Cidadão) e a data de nascimento. As mesas de voto estarão abertas entre as 8h00 e as 19h00. Para votar, basta indicar o seu nome e apresentar o cartão de cidadão ou outro documento oficial com fotografia.

Atenção aos boletins de voto

O primeiro candidato que aparece no boletim de voto, o tenente-coronel Eduardo Baptista, não conta para esta eleição. O tenente-coronel não reuniu as assinaturas necessárias para tornar oficial a candidatura.

Levar máscara e caneta

O uso de máscara é obrigatório, levar uma caneta é apenas recomendado. Se não levar a sua própria caneta, pode usar uma das que existem em cada mesa, e que serão periodicamente desinfetadas.

PUB

**Meu
super**

CREIXOMIL

Rua da Índia n° 462, 4835-061 Guimarães
(No edifício verde junto à Rodovia de Covas)

RONFE

Alameda Professor Abel Salazar n° 29,
4805-375 Ronfe



De segunda a sábado, das 08h00 às 20h00



WORKBOOK NA REABILITAÇÃO, TODOS OS PORMENORES CONTAM

© JOÃO BASTOS

FILIPE VILAS BOAS E PEDRO VINAGREIRO, ARQUITETOS, SÃO OS ROSTOS DA WORKBOOK, EMPRESA VIMARANENSE QUE SE TEM DESTACADO NA ÁREA DA CONSTRUÇÃO, ESPECIALMENTE NOS PROJETOS DE REABILITAÇÃO URBANA QUE TÊM ABRAÇADO.

Sendo-lhes reconhecido profissionalismo e uma vincada exigência na execução de cada projeto, a Workbook é frequentemente procurada por investidores ou proprietários para recuperar edifícios de elevado valor histórico e que, por isso, merecem todo o cuidado na sua reconstrução. Estes têm sido, aliás, os pilares do sucesso da empresa nesta área.

A Workbook surge com o propósito de prestar um serviço diferenciador, no planeamento, gestão e construção, com especial foco na área de reabilitação.

Esta área mais exigente despertou um gosto especial nos responsáveis pela Workbook. “Ao contruimos uma habitação nova, de raiz, habitualmente temos um terreno e implantamos lá o que projetamos. É diferente quando lidamos com uma pré-existência, com um edifício que tem passado, tem estórias que não queremos apagar e simultaneamente garantir que responde de forma eficaz às condições de conforto que se exige a um edifício atualmente.” Diz Pedro Vinagreiro.

Filipe Vilas Boas acrescenta que respeitar a narrativa de um edifício “Não é, como se assiste ainda com alguma frequência, o destruir de todo o recheio daquela construção, mantendo a sua fachada. É muito mais. É sermos cuidadosos na escolha dos materiais, é conseguirmos replicar os métodos construtivos da época ou das épocas que constituem a história daquelas construções, e é também conseguirmos introduzir modernidade, a marca deste nosso tempo, para que também isso fique realçado e passe a integrar a vida daquele imóvel, valorizando-o ainda mais.”

Devido às exigências da área da reabilitação, para além dos profissionais que colaboram diretamente com a Workbook, “há um grande número de outros trabalhadores da construção e pequenas empresas que se associam regularmente, dependendo da especificidade de cada projeto.” Isso oferece, segundo Filipe Vilas Boas, uma “capacidade de resposta distinta à Workbook, permitindo-nos contratar os serviços certos, adequados a cada obra.”

Nestes anos de atividade, a Workbook foi crescendo naturalmente fruto da experiência dos seus responsáveis e da equipa que os acompanha há largos anos, mas também da perceção do mercado de que há vantagens consideráveis na associação entre o projeto da obra e a sua execução, evitando-se assim erros que muitas vezes são muito significativos.

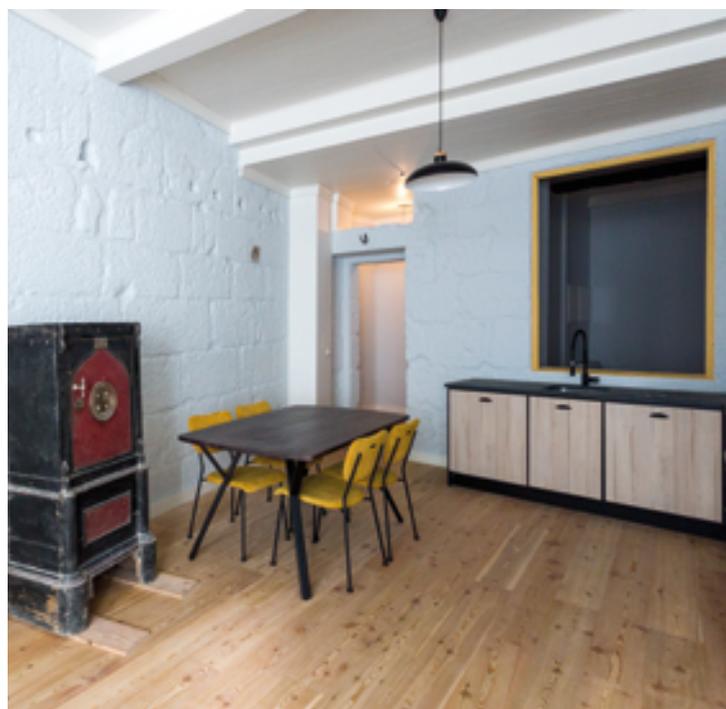


“A RECUPERAÇÃO DE UM EDIFÍCIO É COMO UMA PEÇA FEITA EM ALTA COSTURA, É UMA OBRA MINUCIOSA, DISTINTA, E CHEIA DE DESAFIOS.” *FILIPE VILAS BOAS*

Para os responsáveis pela Workbook, este é um nicho de mercado que “não tem muito interesse para empresas de construção com grandes estruturas ou estruturas muito rígidas. A versatilidade da Workbook acaba por ser um fator que a distingue, aliado a um gosto muito grande pela reabilitação de edifícios.”

Filipe Vilas Boas refere ainda que o mercado caminhará para que a compra de um imóvel seja como a compra de um produto acabado, “chave na mão”, em que nele se reflita harmonia entre todas as fases, desde o estudo e o projeto da obra à sua execução e até à decoração. Porque todas as fases são importantes para o resultado final.”

Para além das obras de reabilitação, a Workbook projeta edifícios de raiz, de pequena e grande dimensão, particulares, industriais ou comerciais, e também equipamentos públicos. Como exemplos, em Guimarães, é responsável pelo projeto de reabilitação da Escola EB 2.3 de S.Torcató, e pela reabilitação da Casa da Quinta do Costeado que contempla a construção de um moderno edifício que acolherá a Escola Hotel do IPCA, projetos que terão o selo de qualidade Workbook.



“NA WORKBOOK PREOCUPAMO-NOS NA RECUPERAÇÃO FIEL DOS EDIFÍCIOS, MAS TAMBÉM NA SUA ADEQUAÇÃO ÀS NOVAS FUNÇÕES.”

PEDRO VINAGREIRO

SERRA DA ESTRELA

GENTE NÃO É, CERTAMENTE E A CHUVA NÃO BATE ASSIM

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: MAIS GUIMARÃES



IMPONENTE, BRANCA, BELA, E DESPIDA DE GENTE. SERVE DE INSPIRAÇÃO A CÉLEBRE “BALADA DA NEVE” DE AUGUSTO GIL, PARA DESCREVER A SERRA DA ESTRELA NESTE INCOMUM INVERNO.

A pandemia, com quase um ano em território português, teve como se sabe, um impacto fortíssimo no setor do turismo. Sentimo-lo no verão passado, embora serenado pelo leve número de contágios na altura. Neste Inverno, e com os casos a aumentarem significativamente após as épocas festivas do Natal e Ano Novo, assistimos a um congelamento, sem precedentes, deste setor. As restrições à circulação impostas no início do ano, limitando em quase todo o território nacional a circulação entre concelhos, associado a um recolher obrigatório aos fins-de-semana após as 15h00, não permitem aquecer a alma com uma vista sobre o manto branco da neve que cobre a serra.

Subir à Torre, aos 1.993 metros que elevam aquela montanha a local mais elevado de Portugal continental era tradição para milhares de portugueses e estrangeiros que ali rumavam anualmente para desfrutarem dos prazeres da neve e das muitas riquezas da região. Além das paisagens de cortar a respiração há uma fauna e flora extraordinárias, bem como uma riqueza humana, cultural, histórica e gastronómica ímpares.

Este ano, tudo se transformou, contando-se pelos dedos o número de automóveis que sobem a serra, e são inexistentes as excursões de gente que se amontoava nos restaurantes, tabernas e casas de “recuerdos”.

Quanto aos restaurantes, muitos fecharam com reduzida procura. Os hotéis, os que mantêm as portas abertas, diminuem os serviços ao mínimo, esforçando-se muito por garantir uma boa estadia, apesar das condicionantes.

A serra está triste, como a gente que nos recebe, que mesmo disfarçando, parece só esperar por melhores dias.

Ao pé da Serra, ficar em Belmonte é sempre uma boa opção. Ali nasceu Pedro Alvares Cabral, o navegador e explorador portu-

guês, capitão-mor da frota que avistou a costa do Brasil em 22 de abril de 1500, que ali tem o seu Museu dos Descobrimentos. Para além de um belíssimo castelo, Belmonte possui um conjunto de museus que merecem visita. Naturalmente o Museu Judaico, que retrata a história da presença sefardita em Portugal, da resistência judaica naquele território, dos seus usos e costumes, e que integra um memorial sobre a inquisição, o Ecomuseu do Zêzere e o Museu do Azeite. A visita à povoação de La Alberca, que mantém a sua arquitetura tradicional, declarada Património da Humanidade, é também obrigatória.

Falar da Serra da Estrela é falar dos seus queijos e da rica gastronomia. Sair da rota habitual, do turismo das massas, tornou-se, no entanto, obrigatório para descobrirmos essa riqueza.



O Vallécua é um pequeno restaurante que fica em Valhelhas, localidade do distrito da Guarda, nas margens do rio Zêzere. Luís e Fernanda conduzem-nos numa viagem gastronómica pela Serra da Estrela, com propostas originais, respeitando os sabores dos produtos tradicionais da região. Os patês de galo, o requeijão com compotas frescas, o galo estufado à moda antiga, confeccionado em lume brando, merecem destaque. No Vallécua a carta de vinhos é ótima e a satisfação está garantida.

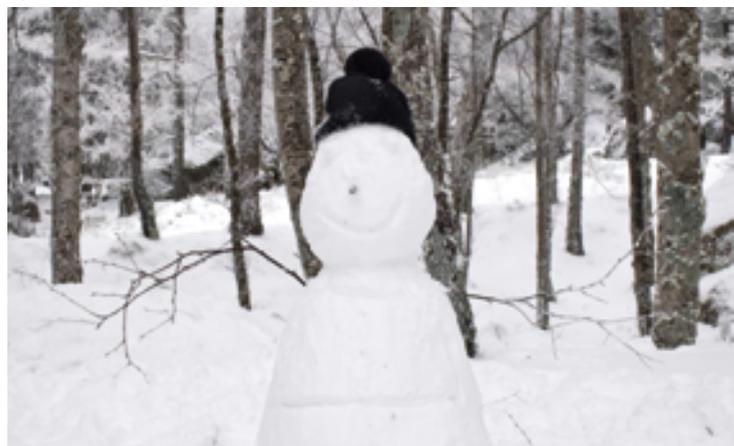
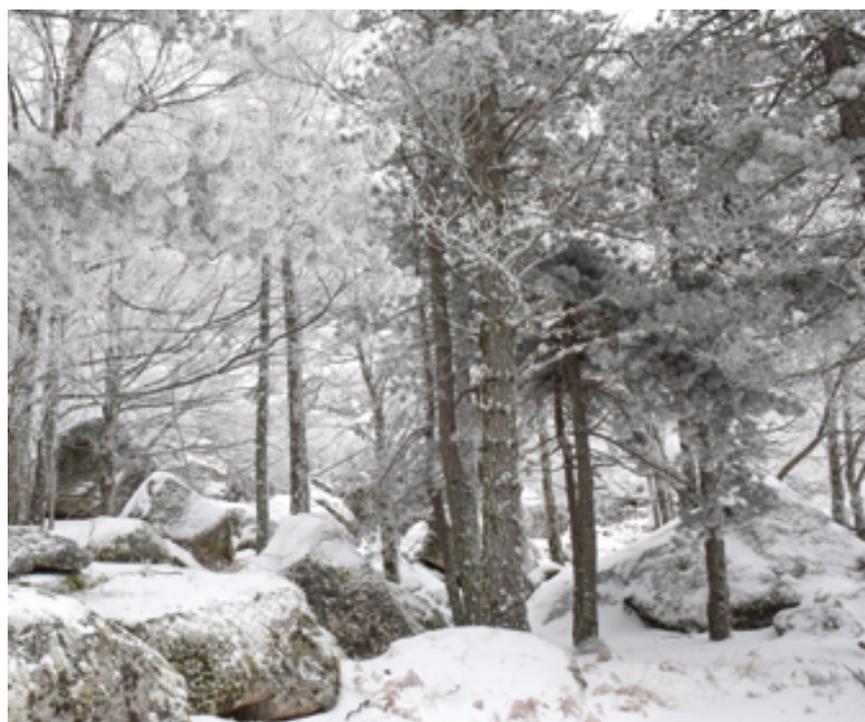
Chegamos ao coração da Serra da Estrela: Manteigas, totalmente integrada na área do Parque Natural.

Visitamos as Termas de Manteigas, com a nascente termal da Fonte Santa, o centro interpretativo do Vale Glaciar do Zêzere ou os viveiros de Trutas. Após uma pausa subimos em direção à Torre, percorrendo o Vale Glaciar do Zêzere, rodeados de grandiosas paisagens e ladeados pela cadeia montanhosa.

Em dez minutos chegamos a um dos mais aprazíveis e procurados locais de recreio e lazer da serra da Estrela, o covão d'Ametade. Esta é uma depressão de origem glaciária que serve de zona de acumulação de neve, um espaço idílico que maravilha quem lá chega. Adultos tornam-se crianças de novo ao som das risadas que resultam dos muitos trambolhões. Desfrutamos da paisagem e divertimo-nos, simultaneamente, são também objetivos que quem procura este destino.

Passar pela Torre vale sempre a pena, mais não seja para cumprir o ritual, e tirar umas selfies nas alturas.

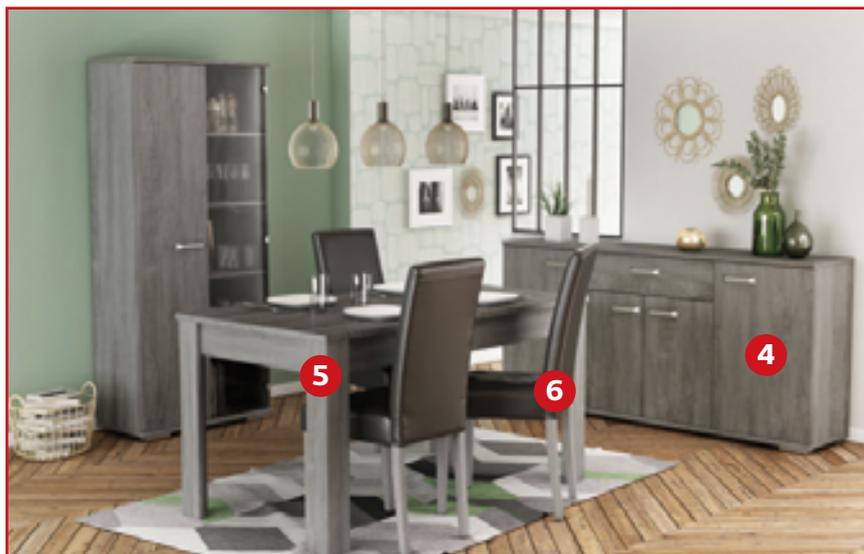
Para o caso de, neste ano, a serra não constar dos teus itinerários, trazemos algumas imagens da serra até si.



PUB



**EM JANEIRO E FEVEREIRO
POUPE MUITO DINHEIRO!**



1. Sofá 2 lugares 140cmX85cm 159€ 2. Móvel hall com espelho 91cmX26cm 89€ 3. Secretária 120cmX50cm 59€
4. Aparador 196cmX42cm 189€ 5. Mesa refeição 160cmX90cm 159€ 6. Cadeiras 49€



Parceria

O QUE VAI MUDAR NO MB WAY

O MB WAY é uma aplicação que lhe permite fazer transferências bancárias, compras à distância, bem como físicas, gerar cartões virtuais MB NET e levantar dinheiro através do seu telemóvel, tablet ou computador. Os pagamentos através do MB WAY estão em crescimento em Portugal sobretudo devido à atual pandemia.

As principais vantagens desta aplicação gratuita são as seguintes: poder realizar compras na Internet através do seu número de telefone, de um cartão MB NET ou de um código QR, tudo de forma gratuito; transferir o valor do pagamento em questão no próprio instante e de forma simples e prática; e também a possibilidade de, caso não puder pagar com o MB WAY num determinado estabelecimento comercial ou não tiver consigo o seu cartão bancário, poder sempre levantar a quantia pretendida de dinheiro num multibanco gratuitamente com esta aplicação.

Pode sempre alterar o limite diário de operações com a aplicação podendo controlar os seus gastos.

As desvantagens estão para a obrigatoriedade de estar ligado à Internet para proceder às operações desejadas, sendo que pe-

rante falhas de rede não conseguirá efetuar o seu pagamento ou a sua transferência.

Outra questão que suscitava preocupações, até ao presente, relacionava-se com o fato de algumas entidades bancárias aplicarem uma comissão associada a determinadas operações, o que diminuía bastante o interesse de usar esta APP. Porém, a 23 de julho de 2020 o Parlamento nacional aprovou os limites para as comissões bancárias associadas ao MB WAY. No entanto, a legislação em causa só entrará em vigor no início de 2021, tendo sido aprovado o fim das comissões bancárias para determinadas operações de baixo valor.

Em concreto, em pagamentos menores a €30 não existe a obrigatoriedade do pagamento de qualquer taxa. Além disso, os utilizadores estão sujeitos a um limite mensal de €150 e até 25 transferências por mês. Caso o utilizador ultrapasse um dos limites do MB WAY, na sua utilização gratuita, é aplicada uma taxa igual à do regulamento de transferências da Comissão Europeia de 0,2% para cartões de débito e de 0,3% para os cartões de crédito.

Para mais informações a DECO - Delegação Regional do Minho encontra-se disponível podendo contactar-nos através do 258 821 083 ou por e-mail para deco.minho@deco.pt.

ENTREVISTA
**RUI
AFONSO**

“A CULTURA
É EDUCAÇÃO”

TEXTO: ELISEU SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS





Rui Afonso, 45 anos. Nasceu em Guimarães e sempre acreditou que “ninguém faz nada sozinho”. Fez o curso de Turismo, esteve na Capital da Cultura Porto 2001 e Guimarães 2012. Atualmente trabalha como produtor de eventos e continua a ver na música um “um ponto de união, um ponto em que estamos ali coladinhos uns aos outros a falar a mesma linguagem”.

A ideia do Homem Nunca Está Só já existia, mas “a pandemia fez acelerar”. Muitas pessoas duvidaram, sem saber se o projeto tinha, ou não, pernas para andar. Dois concertos depois, “foi mesmo bom”. Este é um projeto que junta em palco a sua banda, Fragmentos, e outros artistas convidados de vários estilos. Nos dois primeiros concertos, dos cinco que Rui Afonso pretende realizar, participaram Zé Amaro, John and the Charmers, Hot Air Balloon e Let the Jam Roll.

Rui, quais são as tuas expectativas para 2021?

Não mudei muito do princípio da pandemia para agora. Não acredito em milagres, por isso não sei até que ponto isto vai avançar rápido. Acho que a história da vacina, em termos psicológicos, vai fazer muita diferença. Eu trabalho para fazer o North Music Festival, que é em maio, acredito que vamos fazê-lo. Mas se até março não sentirmos que podemos fazê-lo, aperta muito. E se aperta para nós em maio, aperta para os outros de junho e começa toda a gente a ter medo outra vez e já não se faz nada. Ou faz-se metade do que se ia fazer.

Se continuarem a dizer que não se podem ter as pessoas todas, dez mil pessoas no espaço, que só poder ter cinco mil, nenhum promotor vai fazer. A questão é o lucro. Isto que eu fiz [O Homem nunca está só] também tem o apoio do IMPACTA, deu-me essa liberdade, não tive que pensar no lucro. Pus os bilhetes à venda para pagar a sala, e o dinheiro que veio foi para pagar às pessoas. Qualquer promotor que esteja a fazer para ganhar o seu ou para pagar as despesas, não vai fazer por metade das pessoas, é impossível. Não vai haver NOS Alive para 15 mil pessoas, ou é para 40, ou não pode. Como é que pode com um cartaz daqueles?

Este projeto será uma forma de Guimarães despertar para os artistas locais? Com o desaparecer da pandemia podem esquecer-se dos artistas de Guimarães...

Eu acho que se estão a fazer coisas importantes. Mas neste segundo IMPACTA, para o primeiro semestre de 2021, não aparece quase nenhum de nós, dos que trabalhamos normalmente... No outro IMPACTA estavam muitos músicos. Se olharmos para o que passou num e o que passou noutro, eles dizem que entrou um júri, e puseram tudo na mão do júri, para não terem que justificar. Mas não passou sequer a mesma lógica de projetos. Não sei muito bem se isto é para continuar, mas sei que já houve muita gente que apresentou argumentos a dizer que não faz sentido nenhum o que agora foi feito.

Como é que vê estas medidas que foram adotadas pelo município de apoio aos artistas de Guimarães?

Temos aqui umas contradições muito estranhas em Guimarães. O

nosso Presidente da Câmara deixou-se levar pelas redes sociais naquele evento do Multiusos [em setembro]. Mas há gente lá dentro, na Câmara, que quer continuar a apoiar e que quer que as coisas aconteçam. Está como na rua. Há muita gente que está com muito mais receio do que outros, que querem continuar a tentar fazer com segurança.

Custa-vos ver que em cidades aqui à volta haja espetáculos a acontecer e em Guimarães estejam muito restritos?

Restrito, mas não é uma novidade para nós. Na pandemia percebemos mais claramente. Mas Guimarães normalmente não é muito inovador, é uma cidade que deixa os outros fazerem e, se a coisa correr bem, também faz. Raramente vamos à frente. É uma lógica já muito antiga, em muitas coisas. Se nós olharmos para trás, na cultura e noutras coisas, seja nos pavimentos para os passeios, seja o que for. Se, entretanto, fizerem numa cidade, eles deixam fazer e erra-se menos. A lógica é essa. Se demorarmos mais tempo a fazer, estamos a cometer menos erros. Mas depois ficam coisas por fazer. E este caso, independentemente do IMPACTA, o apoio aos artistas é essencial não só pela pandemia, é essencial todos os anos. Há aqui muita contrainformação quando se fala na subsidiodependência dos artistas. A cultura é educação, a cultura defende todo o país, as cidades. Se não tivermos cultura, não vamos ter nada. Daqui a uns anos não há nada, somos todos comidos por lorpas.

Mas a pandemia veio trazer ao de cima as dificuldades dos artistas e as condições em que habitualmente já trabalham.

É um problema muito antigo, uma luta muito antiga. Tem a ver com o trabalhador informal, sermos sempre trabalhadores informais e não termos nenhuma espécie de certificado. Não é uma questão de sermos manguelas. Muitos países têm um cartão. Se uma pessoa é trabalhadora da cultura tem que cumprir certos trâmites legais, mas a partir daí é um trabalhador como os outros, e tem direito aos direitos que têm os outros trabalhadores. Aqui não. A pandemia só fez agravar essa questão, e a luta vai continuar nesse aspeto.

Tens a impressão, ou certeza, de que há pessoas na área da cultura que estão a passar por grandes dificuldades nesta altura?

Não conheço ninguém diretamente, mas sei que há. Conheço mais músicos que outras pessoas. A maior parte dos músicos que eu conheço também dão aulas. Se derem em escola, estão a fazer essa parte, pelo menos; se derem em casa, vão-se safando. Mas não tem comparação com o que era. Sou músico, mas o meu maior emprego é a produção de eventos. Ou seja, eu levei dos dois lados.

Também há a questão de se estarem a reinventar, mas deixam de fazer aquilo que sempre fizeram e aquilo que gostam. Isto em termos mentais vai ter um impacto muito grande.

De certeza. Acho que vai. Eu, pessoalmente, ou como Fragmentos, nunca temos muitos concertos. Eu sei que, se os fizer, não é isso que me põe a comida na mesa. Mas temos muitos colegas, que trabalham com o Zé Amaro, por exemplo. Tiveram o Zé Amaro doente um ano e este ano apanharam uma pandemia. Ficaram dois anos sem trabalhar. E trabalhavam 100 concertos por ano, que é uma

loucura. Estamos a falar de uma empresa que não faturou durante dois anos, mas há muitas situações iguais.

Voltando ao “O Homem Nunca Está Só”, estando Guimarães incluído num quadrilátero, seria interessante este projeto que concretizaste aqui ser apresentado em Braga, Barcelos ou Famalicão.

A ideia é mesmo essa. Outros vão puxar outros. É só preciso arranjar. Há de certeza gente a pensar exatamente como eu. Aproveitar que muita gente, além de precisar, nem é do dinheiro, é de trabalhar, manter este lado artístico vivo, para que depois, quando isto retomar, as pessoas estejam ali. Não vão chegar com a força toda, com a ganância toda, de uma vez. É esse um dos meus medos. Isto de repente abre e vão ganhar os mesmos mais, os do costume, mas mais ainda. Que é uma das grandes probabilidades. A vontade do público em geral vai cair nos mesmos, como é natural, mas depois a repartição não existe.

Estes são momentos que acabarão por ficar para a história deste período.

Essa foi a maior vitória disto tudo. Mal ensaiamos e as pessoas disseram “ainda bem que nos juntamos”. No final, muito mais ainda. As pessoas saíram mesmo de coração cheio, quem participou, seja os técnicos como os músicos. Toda a gente disse “foi mesmo fixe, isto tinha que acontecer mais vezes”. Compreendo que as vidas mudam muito, nesta altura, por um lado, foi mais fácil. Mas a verdade é, que se isto criar uma certa estrutura, tem pernas para andar. Tem é que se encontrar horários, que a pandemia também trouxe, que tem piada para projetos como este. Horários diferenciados, não é obrigatório ser sempre à noite, pode ser à tarde. Não interessa. Isto é um encontro de pessoas, tanto faz. Pode ser na rua, no parque da cidade, é uma questão de haver estrutura, não é preciso ser numa sala. Temos é que perceber que com este grupo de pessoas podemos fazer ali, podemos fazer no coreto, como podemos fazer no meio de um campo. É essa a lógica, tentar ir por aí, e tem pernas para andar.

Realizar mais quantos?

Eu queria três, pelo menos.

Mas os três durante este ano de 2021?

Quería dois no primeiro semestre, pelo menos. Vou fazer por isso. Se eu em março conseguir fazer o primeiro, é porque consigo fazer os outros. Depende do público, depende de apoio. Se não houver apoio tem que se ir buscar patrocínios, ou o que for.

Ainda há muito palco para pisar...

Havendo motivação, as coisas fazem-se. Em relação aos Fragmentos muitas vezes as pessoas perguntam quando sai uma música nova, um disco novo. Já tive a fase, quando era mais novo, de correr muito atrás, de vamos fazer, vamos fazer mais isto. Agora é o contrário. Agora tenho que ter um prazo na minha cabeça e “vou fazer aquilo ali”, como foi para este projeto. “É agora, se isto passar tenho o verão para pensar nisto, vou escolhendo as pessoas e falando com elas”. Não fiz exatamente o que queria fazer, porque a minha ideia era cada concerto ter dez ensaios antes, em que podemos estar como estamos aqui a falar, mas todos, numa sala de ensaios normal, que não deu para fazer com a pandemia. Há pessoas que só ensaiaram duas vezes, e as máscaras... É uma logística completamente diferente. Não há aquele encontro de cinco horas todos ali a falar. Vamos muito objetivos, temos aqui uma hora contigo, uma hora com aquele, porque a ideia era ser mais tempo, para saírem mais coisas de mistura. Conseguimos fazer alguma coisa, mas foi só para mostrar o que dali pode sair, daqueles artistas.

“DIZER QUE NÃO VAMOS FAZER NADA É ESTAR A MATAR A SOCIEDADE AOS BOCADINHOS”

Podemos recuar um bocadinho e falar um pouco do percurso. Portanto, nasce em Guimarães..

Em Guimarães. Nasci em frente ao estádio e morava aqui mesmo, no Centro Histórico, no largo do Serralho.

O centro histórico que era muito diferente. Ainda te lembras como era?

Era diferente em todos os aspetos, não é só na parte estética. Ainda este Natal falei, às vezes tenho saudades do cheiro a estrugido a passar na rua de Santa Maria. Vinha da escola, passava, e o cheiro a comida dos vizinhos. Agora não se sente nada disso, é dos restaurantes. Aquela senhora da fruta, que está lá a vender fruta, a cozinha dela é sete metros à frente e ela está com a porta aberta a cozinhar e a vender fruta. Esse tipo de coisas faz falta.

Para ti, um ponto fraco do centro histórico de Guimarães é agora ter poucos moradores?

É. Quando Guimarães passou a Património da Humanidade, um dos requisitos que lá está é ser habitado. Habitado por pessoas de cá. Não é Património museu para ver da rua, é Património vivo.

Que opinião tens sobre o bairrismo vimaranense?

Trabalha muito contra nós. Acho que há uma colagem exageradíssima ao Vitória. Vimos no programa do César Mourão, só se falou do Vitória. Ou é porque o Afonso Henriques batia na mãe, ou é o Vitória. É a imagem que nós temos. A mim incomoda-me um bocado. Temos tantas coisas para mostrar e só mostramos isso? Eu sei que dá um certo gozo ter aquela imagem forte de que ninguém nos vai quebrar facilmente. Isso é espetacular. Mas isso somos nós e muita gente no Norte. Somos menos influenciáveis. Para bem e para o mal. A culpa muitas vezes nem é nossa, é de quem vem de fora que também nos conhece mal, só conhece certas coisas, e depois a partir daí alastra. É a lógica do “má mãe, boa madrastra”. Todas as terras são assim com os seus. Nesta, é verdade que com o bairrismo as pessoas favorecem e dizem “isto é de Guimarães temos que dar aqui um empurrão”. É bom, mas não convém que seja isso o fundamento das coisas. Parece que se perde a noção do que se quer fazer.

Perde-se sentido crítico?

Claro. Parece que o que acontece em Guimarães é o melhor do mundo, tem aquele selo. “Guimarães tem muitos defeitos, mas eu gosto é de Guimarães assim”, tudo bem, tranquilo. Mas há muito gente que nem vê defeitos, e acha que isto está mesmo espetacular. Se formos a ver desde sempre, das guerras com Braga... Mas é verdade que há muita gente a fazer força para que se mantenha assim. Se se mantiver assim é mais fácil de controlar, no fundo. Quantas menos pessoas meterem o bedelho com ideias de fora, mais fácil será controlar isto.

Como é que a música entra na tua vida?

Onde é o Histórico era o Conservatório de Música quando eu era miúdo. Eu morava aqui e, quando aquilo abriu, fui para lá, com seis anos de idade, por aí. Aprendi bandolim e depois guitarra. Depois, com 12 anos desisti, que é uma coisa que acontece muito hoje em dia, que é uma pena. Já falei com muitos professores de música sobre isso, que é a dificuldade que às vezes o ensino clássico tem em misturar algumas coisas para os miúdos perceberem outras músicas. Agora já há muitos professores a fazer isso, a ponte com outros estilos, e meter os miúdos no coro, assim obrigam-nos a ouvir outras músicas. Nessa chatice saí e fui tocar com a tuna. Fui para lá tocar com os velhotes, estava desgostoso com o resto. Depois comecei a escrever.

Qual foi a primeira música que acabaste de escrever, compor e achaste “esta música gosto dela a sério e acho que vai ser um sucesso”?

A Solidão, se calhar. A Solidão é muito antiga, deve ter sido escrita em 93, 94.

Estavas a passar por uma crise amorosa?

A história da Solidão é espetacular. Tinha 18 anos, por aí. A Solidão foi escrita como se fosse a olhar para o irmão mais velho, não tem



“EM TERMOS CULTURAIS A CIDADE EVOLUIU BASTANTE”

nada a ver. A mão é de um irmão mais velho que se perdeu, não é da namorada. É essa a piada das coisas, cada um interpreta como quer. Quando escrevi era a olhar para uma relação de alguém mais velho, não era uma relação de amor [risos]. Cada um entende como entende e acho muito bem. Por isso tem piada.

No ano em que os Fragmentos fizeram o maior número de concertos, estamos a falar de quantos?

Não são muitos. Anos 90, logo a seguir abranda. Era quando se fazia concertos em todo o lado. Nessa altura devemos ter tocado muito, mas não é nada, nem 50, não acredito.

Qual foi o palco que mais gostaste de pisar com os Fragmentos?

Há concertos que marcam muito. O concerto que gravamos ao vivo, no Vila Flor, nem é pelo palco, foi pela marca de gravar aquilo ao vivo, em 2007. Estávamos parados desde 99 e, no fundo, ali já só estava eu. Depois de muitas conversas, do fazer e não fazer, arranco com essa ideia de gravar o disco ao vivo. Mas há palcos mais pequenos muito bons também.

Percebeste que as pessoas não tinham esquecido as vossas músicas.

Exatamente. É essa a questão. Aliás, a durabilidade de Fragmentos tem muito mais a ver com as pessoas do que comigo.

A história dos Fragmentos é aquilo que tu achas que podia ter sido?

Podia ter sido muito mais. Principalmente na metade dos anos 90, quando estamos para gravar o disco que ia sair a nível nacional... Se aquilo sai, a história tinha sido outra. Foi aí que nós nos separámos. Em estúdio quebrámos. Foi ali que eu acabei por ficar sozinho. Tanto é que eu decidi parar e depois estive para aí seis anos sem mexer em Fragmentos. Depois tive outro projeto, comecei a ganhar outro pedal. O disco ao vivo vem daí, de gravar as músicas que estavam para ser gravadas nesse disco, em 98. Se nós saímos naquela altura, a história tinha mudado quase de certeza, porque há gente que gosta e que não gosta, mas isso não quer dizer que não tinha espaço para existir. Eu percebi logo de seguida isso, que se perdeu logo ali o timing certo do salto. Depois, a partir daí, há uma certa desilusão durante algum tempo e depois há o que está feito e merece estar feito e cá fora, na mesma. É o contrário daquela ideia de gravar os discos para nós. Quando uma pessoa grava um disco e o põe cá fora, é para os outros. Nós já sabemos como é. Queremos é que os outros ouçam e cantem.

És formado em...?

Turismo. Nunca trabalhei na área. Vou estagiar para a Capital da Cultura Porto 2001 e depois eventos, sempre eventos.

Foste aproveitado para a Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012?

Trabalhei, também, numa parte muito inicial. Trabalhei na área da

comunidade. Entrei no fim de 2010. Saio a meio de 2012, não fico até ao fim. Infelizmente, não trabalhei como músico, por exemplo. Trabalhei como produtor, mas não como músico.

Como olhas para o ano de 2012?

É muito importante para a geração que estava aí nessa altura a florescer. Técnicos, músicos, atores, pintores, muita gente que eu vejo saiu daí.

Já passaram, entretanto, oito anos. Há algum balanço que possas fazer?

É parecido com a Capital da Cultura 2001. Só que aqui gastou-se muito menos dinheiro. Ainda assim, melhorou-se alguma coisa.

Ligou-se o motor da cidade?

Aqui acho que se manteve o que estava. Já tínhamos muita coisa feita, mas em termos de espaços pouca coisa mais tivemos. Nós já tínhamos Vila Flor, não sentimos o choque. Agora, o que é que ficou daquilo? É difícil. Muita gente vai dizer que ficou a abertura aqui do Toural, que ninguém passava. Faço às vezes essa pergunta: de que é que as pessoas se lembram mesmo de 2012? Lembram-se porque foi importante, a cidade estava sempre na boca do mundo e é importante isso? Em termos práticos, de artistas vimaranenses, há muita gente que não fez nada em 2012 para a Capital da Cultura. Tudo bem que Guimarães não era mais que ninguém, mas também isto chamava-se Guimarães Capital da Cultura. Não era preciso ser tudo mandado vir de fora.

Em termos culturais como está Guimarães?

Acho que tem coisas muito melhores. Acho que os miúdos trabalham mais do que o que nós trabalhávamos. Nós éramos mais intuitivos, mais de coração. Os miúdos têm uma lógica de trabalho melhor, à partida. Têm outro defeito. Nós, como éramos mais intuitivos, uma banda como nós tinha que tocar dez ou 15 vezes em qualquer lado até achar se vale a pena ou não vale. Agora o processo é todo ao contrário. Gravam primeiro e depois é que vão fazer a banda e fazer o concerto. É raríssimo a banda sair dos concertos. Isso mudou muito. Em termos culturais a cidade evoluiu bastante. Agora, que se pode fazer muito mais com as pessoas que temos cá? Acho que se pode fazer muito mais. Às vezes parece que se tem vergonha de assumir, parece que se está a dar sempre aos mesmos, e não está. Se calhar connosco gastam dois mil euros e com alguém que vem aqui uma vez gastam 70 mil. Podem merecer, mas também estes merecem aqui mil euros, dois, cinco, dez, conforme o projeto, todos eles.

Temos é que olhar para eles e perceber se aquilo é viável, se tem interesse, e não ser aquela lógica elitista, que às vezes o Vila Flor tem, de cultura. Isso acho um problema já desde quase da génese do Vila Flor, uma programação um bocado elitista, sempre foi, porque acham que está na moda, que é o que vai dar a seguir... Mas isso tem a ver com quem puseram lá a programar ao longo dos tempos, acontecendo muitas vezes isso. Há um distanciamento com a cidade, havendo apenas uma imagem boa do que aqui que passa.

Artigo de opinião

“RESILIÊNCIA DO POVO PORTUGUÊS”



Dr. Rui Vaz
Médico desportivo

A 27/12/2020 foi administrada a primeira vacina contra a Covid-19 em Portugal, simbolicamente, ao responsável máximo do Serviço de Infecçologia do maior Centro Hospitalar do Norte, e por curiosidade administrada por uma descendente do nosso primeiro Rei de Portugal. Foi um dia de festa e de regozijo porque a comunidade científica, em modo foguetão, conseguiu identificar, fabricar e redistribuir o elixir que tanto almejávamos. Ficamos com a convicção que, se por momentos pensarmos e agirmos de um modo altruísta e global, poderemos ser muito mais rápidos e assertivos na resolução dos problemas.

A 11de Março de 2020 é decretada a doença Covid-19 como pandemia e o Presidente da Republica decreta o Estado de Emergência a 18 de Março de 2020. Isto contemplou o confinamento obrigatório e restrições à circulação na via pública. Estado de emergência que foi consecutivamente renovado por longos períodos durante o ano de 2020. Este estado de emergência foi o modo mais eficaz para a redução drástica dos contactos e conseqüente diminuição da incidência de infeções pelo novo coronavírus [SARS-CoV-2]. As autoridades nacionais e regionais de saúde aproveitaram para se organizarem e agirem em conformidade para poderem combater de um modo eficaz contra este novo vírus. Assumo que a Comunicação Social foi, de algum modo, um catalisador e educador importante no ensino desta nova realidade com o intuito de financiar cientificamente a população para ajudar e evitar o “colapso do Sistema Nacional de Saúde”.

Sabendo que isto não seriam os “100 metros”, mas sim uma “maratona”, precisávamos e necessitávamos de uma grande resiliência de todos os “batalhões”, “soldados” e “recrutas”. Já dizia o poeta Luís Vaz de Camões na sua epopeia “Os Lusíadas” que Portugal é um país

pioneiro, sobrevivente, sem medos, com um povo que navegou por mares nunca antes navegados.

O mais importante sempre foi o perceber as regras do “jogo”, para não sermos surpreendidos pelo nosso “inimigo” e agirmos em concordância.

Nas vésperas do Natal, eis que, de um modo súbito, mas com alguma previsibilidade, é identificada uma nova estirpe do SARS-CoV-2 no Reino Unido que catalogam como mais contagiosa [de referir que a Direção Geral de Saude não refere uma maior mortalidade por covid-19].

Decorrente de uma “aparente” acalmia dos números da pandemia, e estando em plena época natalícia, os nossos “comandos” facilitaram e o nosso inimigo aproveitou para cavalgar de um modo quase triunfal.

Neste momento estamos, no meu ponto de vista, no período mais perigoso desta “guerra”, sentindo os “batalhões”, e os “soldados” cansados e os nossos “recrutas” a facilitar e a perder a crença na vitória.

Agora só se exige uma coisa...

Temos que serrar fileiras e trabalhar em equipa e com a maior assertividade possível para GANHARMOS esta guerra.

Agora não há desculpas para deitar a toalha ao chão e para baixarmos a guarda perante esta tarefa hercúliana.

O nosso FOCO é a Vitória e nada nos pode distrair disso!!!

Juntos venceremos esta “guerra”

PUB

Obituário...

toda a informação na nossa página



FUNERÁRIA
Passos

Nos momentos difíceis agimos por si

Rua D. João I, n.º 23 - Guimarães ☎ 253 515 535



FERREIRA DE CASTRO ECM GUIMARÃES

TEXTO: ÁLVARO NUNES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

PERPASSAM NO PRÓXIMO DIA 17 DE ABRIL, 50 ANOS DA INAUGURAÇÃO DO BUSTO E DA HOMENAGEM PÚBLICA A FERREIRA DE CASTRO (FC), NA VILA E ESTÂNCIA TERMAL DAS CALDAS DAS TAIPAS, ONDE O ESCRITOR HABITUALMENTE VERANEAVA.

Com efeito, como ele próprio recordaria e confirmaria, “[...] *tenho residido em vários povoados do Minho, sobretudo nas Caldas das Taipas, onde o Ave, de dia, e a Lua de noite, falam muito comigo; e tenho convívio, Verão após Verão, com numerosos camponeses. Ao começo das nossas relações quase todos estes homens e estas mulheres, cuja vida quotidiana representa um dos diversos heroísmos que a História não celebra, ignoram até o meu nome. Para eles eu sou apenas aquele senhor que vem todos os anos, passar alguns meses nas termas e costuma sentar-se numa pedra, à beira dos campos, a ler ou a olhar para as árvores [...]*”.

Ora, seria esta empatia pela terra e as suas gentes, provavelmente similares às calmas margens do rio Caima que calcorreara na infância, que dariam azo, em 1963, ao escritor a aquiescer aos amigos e a escrever no Notícias de Guimarães de 29 de setembro o texto intitulado “A Terra onde a lua fala”, que transcrevemos parcialmente:

“Com o rosto de Vila e corpo de Aldeia, Caldas das Taipas ostenta todas as louçanias do Minho [...]. É lá que a natureza minhota, de milheirais empenachados, choupos e salgueiros onde se abraçam as vides, esplende em toda a beleza. Beleza humilde e confiante, discreta e propícia como poucas, para os diálogos com o silêncio ou com os arquipélagos de sombras e claridades que se formam no mundo vegetal [...]

Cantam regatos ao lado dos nossos pés, cantam aves nas franças mais altaneiras, cantam insetos em seus refúgios secretos, enchendo a terra dum permanente e vasto ritmo sinfónico. E uma suave poesia, dessas que despertam sentimentos eternos, domina tudo. Ela irá sempre connosco até às margens líricas do Ave, que é, com a sua indolente curva, o diadema azul das Taipas. As pontes romanas, quase ao rés da água, dir-se-ão entablamentos de velhos templos submersos: o arvoredor romântico fala de quimeras e certamente não há lua mais sugestiva e bela do que esta, que ao espelhar-se no rio parece dizer-nos, baixinho, muito baixinho, como se nos promettesse uma doce vida sem fim:

- Não partas! Fica e sonha ... Eu voltarei amanhã ...”

De facto, Ferreira de Castro, voltaria e permaneceria nas Taipas, quer espiritualmente quer materialmente no busto que há 50 anos foi implantado na vila taipense, esculpido pelo escultor António Duarte, que cederia os seus direitos de autor para este fim. Um ato público no qual participaríamos o escritor e a sua esposa Elena

Muriel e usariam da palavra Santos Simões, em representação do Círculo de Arte e Recreio, coletividade que promoveu a homenagem, José de Oliveira, em nome dos admiradores do escritor e o crítico literário Arsénio Mota. Seria ainda lida uma saudação do romancista brasileiro Jorge Amado, especialmente enviada para esse efeito, ambos amigos de longa data e os dois escritores indigitados pela União Brasileira de Escritores para o Prémio Nobel da Literatura, em 1968.

Aliás, Jorge Amado referiria esta ocorrência anos mais tarde, na sua obra “Navegações de Cabotagem” [1992]: “[...] *Perto de Guimarães, nas localidade de Taipa [Taipas], ergueram-lhe um busto, os portugueses se orgulham do romancista traduzido em todas as línguas, carregado de prémios*

- vem de receber a Águia de Ouro de Nice, atribuído por um júri internacional presidido por Miguel Angel Asturias [...] Louvo o gesto da municipalidade e da gente do lugar, a homenagem, mas o autor de A Selva não comparte o meu entusiasmo:

- Uma pena, botaram-me a perder o veraneio. Todos os anos, no verão, vinha aqui para uns dias de descanso. Antes do sol se pôr, à tarde, sentava-me naquele banco – aponta o banco junto ao busto -, conversava sobre a chuva e o bom tempo, a vida e a morte com os patrícios, sabem coisas, contam-me das pessoas e dos costumes, os detalhes com que se fazem romances. Sabes como é [...]

Conheciam-me como o homem do chapéu porque ando de cabeça coberta para não apanhar defluxo, não sabiam quem eu fosse, conversavam à tripa solta, eu era um deles. Agora, acabou-se, não serei eu quem irá sentar-me diante do busto, papel ridículo, Deixei de ir ao veraneio, a conversa se perdeu, já nada me contam, passei a ser Vossa Excelência, dão-me as boas tardes e se despedem, uma tristeza. Vamos embora antes que pensem que vim aqui para vos exhibir o busto, pavonear-me”.

O amigo Jorge Amado e o Brasil são de facto referências obrigatórias na vida e obra de Ferreira de Castro. Efetivamente, com apenas 12 anos, depois de ter terminado a instrução primária e após a morte de seu pai, FC deixaria a sua terra natal, e emigraria para o Brasil, para trabalhar como empregado de armazém no seringal Paraíso, no inferno da selva amazônica e posteriormente como embarcadiço e na colagem cartazes, vivenciando precocemente



as dificuldades da vida, que se refletiriam na sua obra. Realmente datam dessa altura, durante os anos em que viveu em Belém do Pará, os seus primórdios literários, ainda que só posteriormente ao seu regresso a Portugal, em 1919, se venha a revelar como romancista [conceituado], depois de algumas experiências novelísticas entre 1923 e 1927 e incursões no jornalismo. Realmente, com a estreia na vida literária em 1916, com o romance juvenil “Criminoso por Ambição”, José Maria Ferreira de Castro [1898-1974], filho de pais pobres, nascido em Ossela [Oliveira de Azeméis], e humilde autodidata com a instrução mínima, revelar-se-ia como um dos mais importantes romancistas portugueses do último século.

Porém, de facto, só depois a publicação de “Emigrantes” [1928], obra ficcional em que manifesta os seus ideais humanísticos e sociais, cujo protagonista [Manuel da Bouça], tal como ele, partiu de Oliveira de Azeméis para o Brasil, é que FC vem a vislumbrar o sucesso. Êxito que se potencia após a edição da obra “A Selva” [1930], que chegaria a ser anunciada pela UNESCO, em 1973, como um dos dez romances mais lidos em todo o mundo. Com efeito, esta obra, transmitindo uma forte mensagem de justiça para todos e fraternidade entre os homens, trazem-lhe o reconhecimento como um escritor consagrado no âmbito do realismo social novo, que alguns críticos prenunciam como precursor do neorealismo português.

Deste modo, sente-se em FC uma técnica narrativa colhida diretamente da verdade existencial, em estilo simples e expressão clara e comunicativa, que espelha a convicção de que a literatura deve ser “espelho fiel, como nenhum outro, dos sentimentos e inquietações de uma época”.

Mais tarde, mas ainda na esteira do seu ciclo dos romances inspirados na experiência pessoal e observação experimentada, FC passa a focar-se preferencialmente no mundo rural miserável, protagonizado por gente singela e pobre, de que são provas documentais as publicações de “Eternidade” [1933], passado nas conturbadas lutas sociais na Madeira, “Terra Fria” [1934], cuja ação decorre entre os humildes habitantes do Barroso e “A Lã e a Neve” [1954], história dos pastores e do proletariado têxtil da Serra da Estrela.

Obras a que se juntam muitas outras, designadamente “Instinto Supremo” [1968] que supostamente teria sido escrito em parte nas Caldas das Taipas e que marcaria o regresso da sua fabulação à floresta amazónica.

De salientar ainda que os laços íntimos solidificados entre o

escritor e o concelho de Guimarães passaram ainda por gravar o seu nome na toponímica vimaranense, após o 25 de Abril, bem como por várias outras homenagens públicas. Destacamos em 26 de novembro de 1983 o preito prestado ao escritor no decurso do XII Encontro de Imprensa Regional do Norte, ele que foi também um prestigiado jornalista e lutador feroz contra a censura enquanto profissional, presidente do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa e ativista do Movimento de Unidade Democrática [MUD]; e também a homenagem levada a cabo em 6 de fevereiro de 1999, numa parceria entre o Grupo Cultural e Recreativo de Ossela com associações vimaranenses, Ademais, já neste século, FC seria também recordado na Universidade do Minho, com duas exposições alusivas: uma no campus de Gualtar [Braga] e outra no campus de Azurém [Guimarães], com base no acervo do Museu Regional de Oliveira de Azeméis

Porém, [re]ler a obra do escritor e/ou visitar a sua Casa-Museu em Ossela, ou o Museu Ferreira de Castro, em Sintra [local onde os seus restos mortais foram inumados por sua expressa vontade], será porventura a melhor homenagem evocativa que lhe poderemos prestar e este humanista, que nas palavras do escritor Mário Cláudio, publicadas na sua crónica de setembro de 2015 no Diário de Notícias, intitulada “O escritório de Ferreira de Castro, era “o cavalheiro que todos os anos, e ao longo da década de sessenta, ocupava a mesa do fundo do comedor o Hotel das Termas, o único das Caldas das Taipas [...]. Quem não o reconhecesse poderia tomá-lo por um despachante da alfândega na reforma, e se se desse o caso de lhe ouvir o sotaque aqui e além brasileiroado, por um derradeiro representante da raça dos torna-viagem que Camilo Castelo Branco caricaturava”.

Curiosamente, também Camilo andou por estas bandas ...

Como lugar importante de vilagem corresponde às Caldas das Taipas, no concelho de Guimarães, onde, em 1971, numa homenagem surpresa, foi inaugurado um busto do escritor, da autoria de António Duarte, idêntico aos que se encontram no Museu Ferreira de Castro, em Sintra. Constrangido e humilde, mas sempre compreensivo, Castro, que não quisera um monumento à sua pessoa em Oliveira de Azeméis, deixou de vernejar ali. Um seu confidente registou o desenho “bem-homenado” do autor de *A Missão*: “Estilo foi de passar por mim todos os dias! Aborcece-me!”...



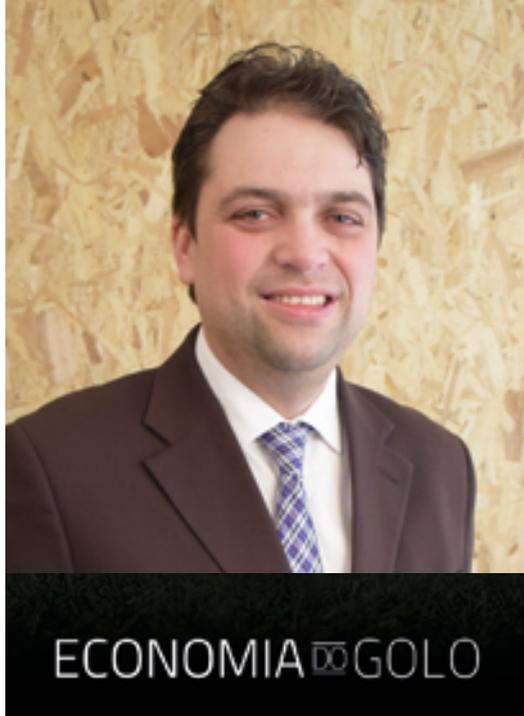
JORGE AMADO, FERREIRA DE CASTRO E O BUSTO DAS TAIPAS

De António Duarte do Blog, outubro de 2014. Publicado em Sintra, Portugal



A propósito da imagem que ilustra o texto que Ferreira de Castro escreveu em 1903 para o jornal *O Comércio do Guimarães* e que aqui foi reproduzida há dias, o meu velho amigo César Machado recorda-me que o escritor Jorge Amado esteve em Sintra, no Hospital de Colares, após partilhado pela primeira vez em 1990, onde o edifício oportunamente para um livro de memórias que jamais escreveu, que inclui um capítulo em que fala do busto das Caldas das Taipas do autor de *A Missão*.

É sabido que as memórias que não partilhou são e que recordamos depois que já esqueceram. No entanto, aproveitamos de que estamos, embora por vezes não possível e alguns momentos,



ECONOMIA DO GOLO

FUTEBOL À LUPA

DIREITOS TELEVISIVOS

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

UMA LUTA COM VÁRIOS ANOS!

Os direitos televisivos serão um dos temas mais presentes na actualidade dos clubes. Ainda para mais, nos tempos que correm em que os mesmos serão provavelmente a fonte de receita mais valiosa para qualquer equipa poder sobreviver. Aliás, tanto assim tem sido, que durante a primeira vaga da pandemia que nos assola as operadoras televisivas, incluindo a SportTV, tiveram de proceder a um adiamento, a título excepcional, de uma prestação que as SAD dos clubes tinham direito.

Porém, ao contrário dos países mais competitivos, em Portugal, cada clube negocia, de per si, os seus direitos de transmissão, ao invés de ceder essa faculdade à sua representante, a Liga de Clubes, para em nome colectivo proceder a essas negociações, dividindo, posteriormente, de forma equitativa o montante alcançado.

Aliás, segundo o próprio Secretário de Estado do desporto, João Paulo Rebelo, tratar-se-á de “um caso quase excepcional na Europa quando não tem a venda de direitos de forma centralizada. Isso vai contribuir para melhoras no futebol”.

Por essa razão, espera-se que o ano de 2027 traga novidades acerca desta temática. Na verdade, esse será o ano em que a maioria dos emblemas do futebol profissional português terminam os acordos estabelecidos, a título individual, com as operadoras televisivas. Assim, foi criado um grupo de trabalho, destinado a um estudo relativamente à feitura da legislação necessária à regulamentação da temática seguindo as directrizes da desejada negociação centralizada dos direitos televisivos.

O MODELO ALEMÃO...A SALVAÇÃO DO FUTEBOL EM TODAS AS SUAS VERTENTES

Foi a pensar nas dificuldades que os clubes sentirão neste período, e após a pandemia, que foi apresentado o novo plano para a distribuição dos direitos televisivos na Bundesliga a partir da temporada 2021/22 e cujo modelo durará até final da época 2024/25.

Diametralmente oposto ao modelo português em que, como supra referimos, a negociação é individual, cabendo a cada clube procurar obter, de per si, a melhor quantia possível.

Assim, nos dois escalões profissionais da Bundesliga estarão em distribuição 1,1 mil milhões de euros por temporada. Deste montante, na temporada de 2021/22 serão distribuídos 53% de modo igualitário, sendo que tal quantia é reduzida para 50% nas duas épocas seguintes. Comparativamente ao mecanismo de distribuição anterior, de acordo com a DFL, serão distribuídos mais 75 milhões de euros em relação ao triénio anterior. Deste modo, cada conjunto da 1. Bundesliga poderá preparar a próxima temporada com 24,7 milhões de euros garantidos, sendo que os do segundo escalão terão assegurados 6,9 milhões.

Além desta quantia, 42%, em 2021/22 e 2022/23, e mais tarde 43%, em 2023/24 e 2024/25, serão atribuídas pelo meio do pilar desempenho. Este consiste em três componentes assim divididos: a primeira numa avaliação separada das últimas cinco épocas (24,5%

e 23%, respectivamente) que fazem uma ponderação do desempenho da temporada mais recente para a antiga. A segunda faz uma alusão à tabela consistente dos últimos cinco anos, a valer primeiro 17%, passando depois para 19% e, por fim, uma tabela que se refere ao desempenho nos últimos 10 anos, valendo, inicialmente, 0,5%, para depois passar para 1%.

O terceiro pilar é denominado de “Jovens Talentos”. Esta toma em consideração a formação e utilização de jogadores sub-23 formados pelos clubes, inicialmente com três por cento e a partir de 2023/24 com quatro por cento do dinheiro da TV nacional. Em vez, dos cerca 24 milhões de euros entregues até agora, passarão a ser pagos pouco menos de 50 milhões de euros até 2024/25.

Destaque ainda, para uma coluna que a federação alemã resolveu chamar de “Juros”. Esta deve motivar as equipas teutónicas a investirem mais na sua marca e na publicidade desta. Dois ou três por cento, a partir de 2023/24, serão distribuídos com base no seu papel interventor no mercado.

NA SERIE A ITALIANA – UMA SOLUÇÃO INOVADORA

Na Serie A italiana, onde os direitos televisivos, também, são centralizados, já se olha mais à frente: como potenciá-los, de modo, a que todos os clubes possam obter, ainda, mais proventos. Assim, os 20 clubes do primeiro escalão, decidiram criar uma companhia de conteúdos multimédia, destinada a maximizar e, consequentemente, comercializar os direitos televisivos da prova para todo o mundo, que como já dissemos encontram-se centralizados há muito tempo.





Para o efeito, foi constituído um fundo de capitais privados, o CVC-Advent-Fsi que investiu, aproximadamente, 1,7 mil milhões de euros, para ficar na detenção desses direitos de exploração e que, em alturas de pandemia, serão um verdadeiro balão de oxigénio para um dos maiores e melhores campeonatos do mundo. Importará, agora, deslindar o conceito de fundo de capital privado, ou "private equity" em inglês. Estes referem-se a capitais e que não se encontram nos mercados bolsistas, sendo compostos por fundos e investimentos directamente efectuados pelos interessados.

O fundo tornou-se, assim, responsável pela promoção do campeonato, devendo ter o objectivo de divulgá-lo a título planetário, desenvolvendo a marca "Série A". Além disso, deverá ajudar à venda dos direitos televisivos da liga a uma pluralidade de plataformas, contribuindo para isso a valorização financeira e económica da prova, para se obterem quantias mais altas e ajudando deste modo os clubes.

NO VITÓRIA

O Vitória, como não poderia deixar de ser, faz parte dos emblemas que negociou os direitos televisivos a título individual. Tendo assinado um contrato de dez anos com a operador Meo, que entraria em vigor na temporada de 2017, a verdade é que os valores do mesmo sempre foram alvitrados de modo diverso. Ficaram, assim, na história as palavras do, então, presidente Júlio Mendes que o clube assinaria um contrato com um número de três dígitos, para, posteriormente, esclarecer que não seria bem assim. Independentemente disso, ninguém duvide que para um clube que deseja afirmar-se e aproximar-se dos que, ainda, se encontram num patamar superior, uma distribuição equitativa destes montantes seria uma importante ajuda. É por isso que se deve pugnar, numa batalha que deverá arrastar outros emblemas, ao invés de se continuar a acreditar no modelo actual.





ELON MUSK JÁ É O HOMEM MAIS RICO DO PLANETA

Elon Musk é já uma figura icónica no mundo da tecnologia. Se todos o conhecem pela sua posição em empresas como a Tesla ou a SpaceX, o seu historial leva-o a outros casos de sucesso que, entretanto, ultrapassou. Com a Tesla a crescer e a valer cada vez mais em bolsa, Elon Musk acaba por ser arrastado para esta senda de sucesso. Assim, este visionário acaba de conseguir um feito único. Ultrapassou Jeff Bezos e é agora o homem mais rico do planeta. Esta conquista de Elon Musk poderia parecer impossível no início de 2020. Depois de uma prestação única em bolsa da Tesla, os seus 20% das ações da empresa valeram-lhe uma valorização do património líquido em mais de 150 mil milhões de dólares.



CÓDIGO DA ESTRADA: MULTAS AO TELEMÓVEL "DOEM" CADA VEZ MAIS

Já entraram em vigor as alterações ao Código da Estrada. A medida que mais se destaca é o aumento das multas para quem for apanhado ao telemóvel, mas há outras novidades interessantes. De acordo com o novo código da estrada, as multas ao telemóvel vão passar de 120€ para 250€ e as de 600€ para 1.250€. A grande maioria das multas atualmente passadas pelas autoridades são referentes ao uso do telemóvel durante a condução. De acordo com um estudo, usar o telemóvel enquanto se conduz multiplica o risco de acidente por 23, e 31% dos portugueses admite enviar e ler SMS enquanto conduz. As novas medidas abrangem ainda as trotinetes elétricas, que podem ser comparadas a bicicletas.

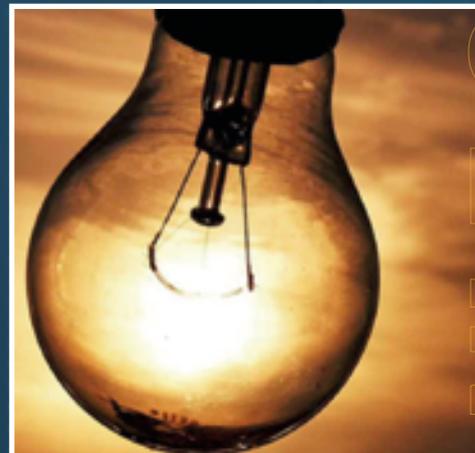


AMAZON PODERÁ ESTAR A DESENVOLVER UM RADAR PARA MONITORIZAR APNEIA DO SONO

Aparentemente, a Amazon está a desenvolver um novo dispositivo alimentado pela Alexa, para rastrear e monitorizar sinais de apneia do sono através de um radar. O dispositivo que poderá vir a ter o tamanho da palma de uma mão está a ser supostamente projetado para ser colocado na mesa de cabeceira. Aí usará ondas milimétricas para sentir a respiração do utilizador, atentando em súbitas interrupções associadas à apneia do sono. Além de monitorizar a apneia do sono, a Amazon pretende que este novo dispositivo da Alexa seja capaz de identificar outros distúrbios durante o sono. Isto, de forma a aproveitar e rentabilizar o machine learning.

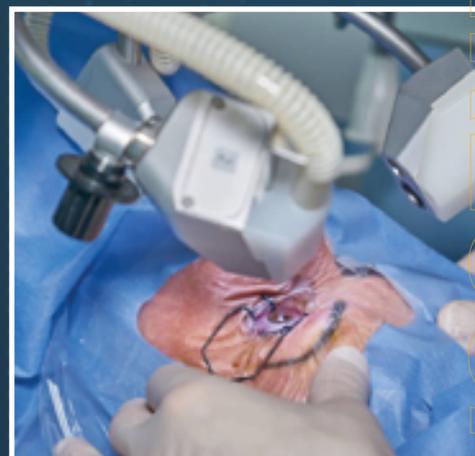
PORTUGAL: CONSUMO DE ELETRICIDADE CAI EM ANO DE PANDEMIA

O ano que passou será recordado como o ano da pandemia. Com quase todos os habitantes a confinar, as faturas de serviços certamente aumentaram. No entanto, de acordo com um comunicado da REN, o consumo de energia baixou em 2020. De acordo com o que foi revelado, o consumo de eletricidade atingiu em 2020 o valor mais baixo desde 2005, para 48.800 GWh, uma queda de 3,1% face a 2019 ou de 3,7% considerando correções de temperatura e dias úteis. No que se refere ao mercado de gás natural, registou em dezembro uma queda homóloga de 4,3%, com o segmento convencional a crescer 0,3% e o segmento de produção de energia elétrica a recuar 16%.



ISRAEL REALIZA A PRIMEIRA CIRURGIA COM TECNOLOGIA 3D E REALIDADE AUMENTADA

Uma das maiores vantagens do avanço tecnológico é poder direcioná-lo para saúde. Dessa forma, é possível garantir cada vez mais qualidade de vida àqueles que, por razões várias, são vítimas de circunstâncias que lhes reduzem. Numa ode ao futuro, Israel realizou a primeira cirurgia utilizando tecnologia 3D e Realidade Aumentada, no dia 1 de janeiro. A cirurgia, liderada pelo professor Samer Srouji, foi realizada a um paciente de 31 anos de idade. Este precisava que a base da sua órbita ocular esquerda fosse reparada. Isto, após ter sido gravemente ferido no rosto. Desta fratura resultou uma visão dupla, bem como a deterioração do olhar e da simetria dos seus olhos.



O EXEMPLO DA NORUEGA: VENDAS DE CARROS ELÉTRICOS PASSAM OS 50% EM 2020

Com uma filosofia focada na mudança de paradigmas, em especial no que toca aos combustíveis fósseis, a Noruega tem alterado de forma firme o panorama no seu país. Cada vez mais os carros elétricos são igualmente uma alternativa. A provar esta mudança está uma informação agora divulgada pela Road Federation, ficou visível que durante 2020 54% dos carros vendidos no país foram 100% elétricos. Esta é uma marca histórica e que mostra que estes carros estão a dominar este mercado. Se a esse valor forem somados o número de híbridos, então a fasquia sobe ainda mais, para mais de 80%. Os carros a gasolina e a gasóleo estão com valores cada vez mais baixos.



BREVES E MINIRESSANCIAS



JOÃO PIRES CUTILEIRO

O REVOLUCIONÁRIO DA ESCULTURA PORTUGUESA

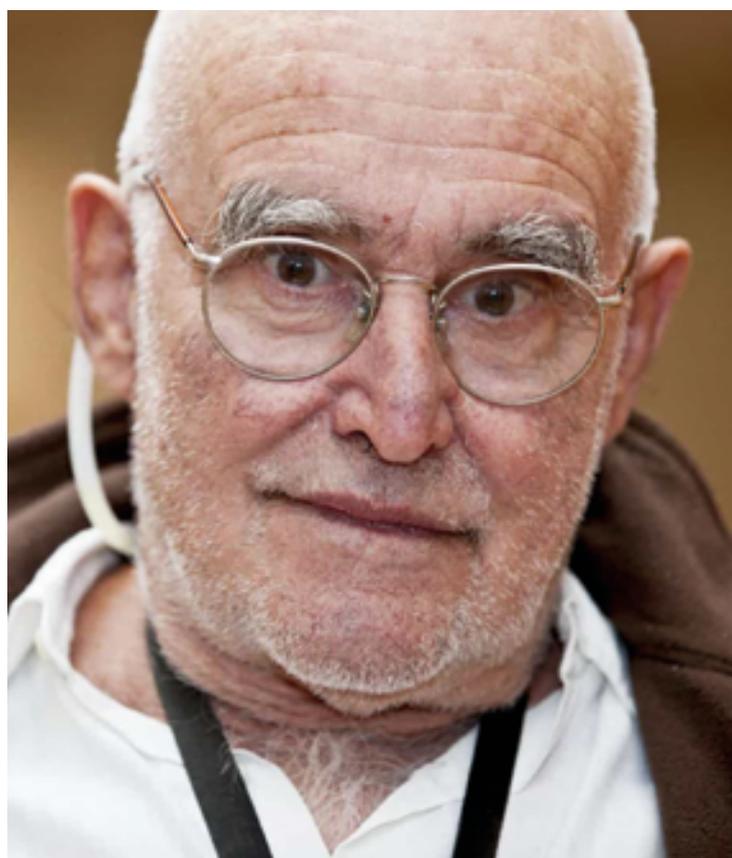
FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

JOÃO CUTILEIRO NASCEU EM LISBOA A 26 DE JUNHO DE 1937, NO SEIO DE UMA FAMÍLIA DA MÉDIA BURGUESIA. É AOS CATORZE ANOS, EM 1951, QUE JOÃO FAZ A SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL, REALIZADA EM REGUENGOS DE MONSARAZ, NUMA LOJA DE MÁQUINAS DE COSTURA, ONDE APRESENTA PEÇAS DE ESCULTURA, CERÂMICA, AGUARELAS E PINTURAS.

Ao longo de 60 anos de carreira, João Cutileiro criou inúmeras obras, sendo a escultura em mármore de corrente figurativa foi uma das suas imagens de marca. Os seus trabalhos estão colocados por todo o país. Em Guimarães, nomeadamente no Largo João Franco, pode encontrar-se uma das suas obras: a estátua de D. Afonso Henriques. Este seu trabalho foi inaugurado em 2001, nas comemorações do dia 24 de junho, feriado municipal na cidade de Guimarães.

Além de outros trabalhos e exposições na cidade berço, em 2018, João Cutileiro foi homenageado em Guimarães aquando da abertura da exposição das suas obras no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, representativa da sua ampla influência na arte portuguesa dos anos 1960 a 1990 e, ainda, uma mostra de obras inéditas em cartão, incluindo maquetas de trabalhos públicos projetados e construídos em Portugal e no estrangeiro.

O artista português faleceu no dia 05 de janeiro de 2021, devido a complicações causadas por um enfisema pulmonar e estava internado no Hospital Pulido Valente, em Lisboa.



QUIZ



1 – EM QUE ESTADO DOS EUA FICA SITUADO O GRAND CANYON?

- a) Arizona
- b) Texas
- c) Ohio
- d) California



2 – EM QUE ANO FOI INSTAURADA A REPÚBLICA EM PORTUGAL?

- a) 1810
- b) 1870
- c) 1910
- d) 1974



3 – QUEM VENCEU A EDIÇÃO DE 2020 DO SUPER BOWL?

- a) Los Angeles Rams
- b) Philadelphia Eagles
- c) San Francisco 49ers
- d) Kansas City Chiefs



4 – QUE ATOR INTERPRETA MR. PEANUTBUTTER NA SÉRIE BOJACK HORSEMAN?

- a) Will Arnett
- b) Aaron Paul
- c) Paul F. Tompkins
- d) Keith Olbermann



5 – QUAL É A CAPITAL DO URUGUAI?

- a) Montevideu
- b) Rivera
- c) Cardona
- d) Baygorria



67 ANOS

ArCOL
Cash & Carry

Crescemos consigo...



GUIMARÃES • LISBOA • FARO

www.arcol.pt

